



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UNB
UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL – UAB
FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FE
CURSO DE PEDAGOGIA A DISTÂNCIA**

NILZA SEABRA DE SOUZA

***REFLEXÕES SOBRE A PARTICIPAÇÃO DA FAMÍLIA NO
PROCESSO EDUCACIONAL EM UMA ESCOLA
MUNICIPAL DE ÁGUAS LINDAS DE GOIÁS. É POSSÍVEL
ESSA PARTICIPAÇÃO?***

Águas Lindas de Goiás – GO
Dezembro de 2013.

NILZA SEABRA DE SOUZA

Monografia apresentada à Faculdade de
Educação da Universidade de Brasília,
como requisito parcial para obtenção do
título de Licenciada em Pedagogia, sob a
orientação da Prof. Dr. Raquel de
Almeida Moraes

Águas Lindas de Goiás – GO
Dezembro de 2013.

Ficha Catalográfica

SOUZA, Nilza Seabra de. Reflexões sobre a participação da família no processo educacional em uma escola municipal de Águas Lindas de Goiás. É possível essa participação? Águas Lindas de Goiás, Dezembro de 2013. 76 Páginas. Faculdade de Educação – FE, Universidade de Brasília – UnB.

Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em Pedagogia. FE/UnB - UAB

***REFLEXÕES SOBRE A PARTICIPAÇÃO DA FAMÍLIA NO
PROCESSO EDUCACIONAL EM UMA ESCOLA
MUNICIPAL DE ÁGUAS Lindas DE GOIÁS. É POSSÍVEL
ESSA PARTICIPAÇÃO?***

NILZA SEABRA DE SOUZA

Monografia apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Pedagogia pela Faculdade de Educação – FE da Universidade de Brasília – UnB, sob a orientação da Professora Dr. Raquel de Almeida Moraes.

BANCA EXAMINADORA:

Professora (Orientadora) Dr. Raquel de Almeida Moraes

Professora (Examinadora) Dr. Danielle Xabregas Pamplona Nogueira

Professora Tutora Esp. Ana Cristina Rodrigues Pereira

DEDICATÓRIA

Dedico este a Deus por me guiar sempre.

Aos meus pais, Maria Seabra Silva e Waldemar Prudêncio de Souza que apesar da pouca convivência, muito me ensinaram;

Aos meus filhos queridos, Assíria e Michelangelo por compreender que tenho que disponibilizar tempo para meus estudos.

Aos meus irmãos e sobrinhos (as) que entenderam a minha ausência nos momentos de estudo, entendendo que necessitava de tempo para dedicação a esse novo projeto.

As minhas cunhadas queridas que me deram apoio e força nos momentos difíceis, motivando sempre a continuar.

Ao meu companheiro Sírío, que não compreendeu os motivos que eu tive para voltar a estudar, mas sei que em algum momento você sentiu orgulho pela minha força de vontade. Sei que muitas vezes me buscaram e eu estava ausente, mas o apoio de vocês foi e está sendo essencial para eu ter chegado até aqui!

AGRADECIMENTO

Agradeço a Deus em primeiro lugar pela inspiração em cursar Pedagogia e que me deu força e sabedoria para chegar até aqui.

As minhas amigas universitárias pelo apoio de todas as horas: Ângela, Azenete, Fernanda, Janete Luzinete, Lucimar, Marcilene, Marcelísia e Nádia. Apesar de o curso ser á distância, senti vocês muito próximas. Vocês fazem parte da minha vida.

Agradeço também aos professores que atenciosamente elaboraram cada disciplina. Aos tutores á distância que com paciência e entusiasmo sempre nos motivou.

Ao coordenador do polo professor Rogilson, ao professor Jorge, nosso querido tutor presencial, que nos acompanha e sabe dos problemas de cada uma e nos motiva sempre.

Á todos meus sinceros agradecimentos. Obrigada!

RESUMO

A participação da família no processo educacional é um desejo de todos os profissionais envolvidos na educação. Mas será que nesse contexto é possível essa participação? O presente trabalho tem como objetivo geral investigar se a gestão de uma escola municipal possui estratégias que possam trazer a família para o espaço escolar e como objetivos específicos investigar se promove a inclusão de familiares no ambiente escolar e se positivo, como ocorre essa ação e discutir sobre as ações tomadas frente às ações realizadas pela instituição. Essa pesquisa buscou investigar essa possibilidade, mas, sobretudo verificar se a escola pesquisada promove essa participação e em que condições. Revela também aspectos sobre como os profissionais estão percebendo essa participação e se essa é significativa. Aborda a questão da Democracia, Democratização e Gestão Democrática no contexto da Educação, fazendo uma análise histórica sobre esses processos que em contextos anteriores, foi marcada por avanços e retrocessos e atualmente temos a Gestão democrática consagrada em Lei. A metodologia utilizada foi à análise qualitativa e como instrumento de coleta de dados foi adotado o questionário. Complementando a metodologia, foi utilizado a análise documental: foi realizada análise de um documento muito importante da escola que é o Projeto Político Pedagógico, onde aborda que, a aproximação família-escola é um dos objetivos da instituição. Participaram da pesquisa 32 profissionais da educação. Os resultados da pesquisa apontam que é possível sim a participação da família no processo educacional, porém, o que foi evidenciado, é que a participação que tem ocorrido nesse contexto, acontece mais nos momentos festivos e menos no pedagógico.

Palavras Chaves: Família – Escola – Participação - Gestão Democrática

SUMÁRIO

1ª PARTE: MEMORIAL EDUCATIVO.....	11
2ª PARTE: TRABALHO MONOGRÁFICO.....	20
INTRODUÇÃO.....	21
JUSTIFICATIVA.....	22
CAPÍTULO I – REFERENCIAL TEÓRICO.....	24
1.1- Escola.....	24
1.2 – Democracia –Democratização e Gestão Democrática.....	28
1.3 O papel da família no contexto educacional.....	33
CAPÍTULO II – METODOLOGIA.....	37
2.1 – Metodologia.....	37
CAPÍTULO III – ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	39
3.1 Análise e discussão dos dados – servidor - secretário - monitor.....	40
3.2 Análise e discussão dos dados – professor.....	45
3.3 Análise e discussão dos dados – coordenador.....	49
3.4 Análise e discussão dos dados -diretor.....	52
3.5 Conclusões e Considerações Finais.....	56
3ª PARTE: PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS.....	58
4ª REFERÊNCIAS.....	62
5ª APÊNDICES.....	65
Apêndice A -.....	66
Apêndice B	68
Apêndice C.....	70
Apêndice D.....	72
Apêndice E.....	74
Apêndice F.....	76

1ª PARTE: MEMORIAL EDUCATIVO

MEMORIAL EDUCATIVO

Meu nome é Nilza Seabra de Souza, tenho 42 anos e nasci em Ceres – Goiás em 1971. Sou filha de Maria Seabra Silva e Waldemar Prudêncio Souza. Meus pais nasceram em Minas Gerais e segundo contavam, houve um período em que foram doadas terras em Ceres e eles vieram praticamente com toda a família (avós maternos, tios). Meu pai era órfão e tinha apenas dois irmãos. Meus pais eram analfabetos e só aprenderam a escrever o nome e ler algumas coisas quando foi ofertado o mobral na cidade- Ceres - por volta de 1977. Recordo-me mais ou menos da data, pois coincidiu com o período em que comecei a estudar e eu acompanhava minha mãe nas aulas.

Eles sempre trabalharam no sítio e dali tirava toda a nossa alimentação e o que sobrava vendia na cidade, como o leite, por exemplo. Assim eles criaram doze filhos e nos ensinaram valores que procuro praticar até hoje como o respeito, generosidade e lealdade. Estes são alguns princípios que meus pais sempre cultivaram.

Comecei a estudar no ano de 1977 em Ceres, uma cidade interiorana muito agradável para viver. Antes da idade escolar, morávamos em um sítio com meus pais e irmãos mais novos. Sou a décima em uma prole de doze irmãos. Meus irmãos que já estudavam, moravam na cidade com outros mais velhos e assim a cada ano que passava meus pais iam ficando com o ninho vazio até que, quando chegou minha vez, resolveram mudar para a cidade e passar somente as férias no sítio.

Naquela época, havia somente duas instâncias socializadoras: a família e a escola. Não tínhamos ainda a mídia interferindo ou colaborando em nossa educação. Acredito que para os pais e professores foi uma época "talvez" mais fácil, mas também éramos privados de outros conhecimentos. Acredito que hoje tem que haver uma articulação entre as instâncias educativas, para que haja colaboração com um aprendizado significativo.

Foram muitas novidades para mim naquele ano como mudar para cidade e ir para a escola. Recordo que tive muito medo e ansiedade frente ao mundo novo que enfrentaria. Meus irmãos, que estavam na escola, eram meninos e não gostavam de ir para a escola, então me aterrorizavam. Dizia que as professoras eram más, que batiam com réguas nas crianças e que quando queriam ir ao banheiro, não era permitido e outras verdades/mentiras que falaram para me assustar, mas mesmo frente a tudo isso não tinha como desistir e então fui para a escola esperando muitas novidades.

O pré-escolar foi maravilhoso. Eu adorava tudo naquela escola: o grupo, as amiguinhas, merendeiras e a professora. Recordo com muito carinho daquele ano. Minha primeira cartilha chamava-se “No Reino da Alegria” e eu adorava “ler” e fazer as tarefas. Minha professora chamava-se Carmelita, ela tinha o carinho de mãe e a firmeza de pai para lidar com as crianças.

Lembro-me de alguns fatos que aconteceu nesta série, como o fato que ocorreu: minha mãe cortava meu cabelo muito curto, como os de menino e não tínhamos muita roupa e eu usava short e camiseta. Durante uma semana a professora achava que eu era menino e quando ela foi fazer a chamada se surpreendeu com o meu nome. E ainda me perguntou: Você é menina?

Naquele ano, tudo transcorreu bem para mim, fui uma aluna com o aprendizado dentro do esperado em uma classe de alfabetização. Socializei bem com a turma e fui aprovada para a primeira série. Na primeira série, tudo que meus irmãos me alertaram, começaram a acontecer. A professora usava um método pavoroso para as crianças que não obedeciam: a temível régua de madeira. O nome dela era professora Edra e muitas crianças criavam apelidos para ela baseado nesse nome diferente e, quando ela estava explicando a matéria e caso algum aluno ousasse conversar ou não prestar atenção na sua explicação, era pego de surpresa com uma reguada nas costas, e felizmente eu nunca levei nenhuma, pois entrava muda e saía calada.

Na aula dela não havia criatividade, nem imaginação, pois éramos proibidos com esse método até de pedir novamente uma explicação. Lembro que por causa desse pavor, muitos colegas, principalmente meninos que eram mais ousados, se recusaram a frequentar as aulas e desistiram de estudar. Eu era uma criança que não questionava muito, só ficava triste, por que a professora corrigia minhas tarefas com muita dureza. Lembro-me que eu sempre guardava os cadernos do ano anterior, e da primeira série, dei para minha mãe queimar, e ela perguntou se não ia guardar de recordação, e eu respondi: não, eu erreí muito esse ano, não vê que tem um monte de reclamação? Eu obedeci as suas régua e regras e fui aprovada para a segunda série.

Na segunda série, encontramos o paraíso. Tínhamos uma professora maravilhosa que se chamava Regina. Depois de enfrentarmos um ano com a professora Edra, acho que nem precisava ser tão maravilhosa que já estaríamos no céu. Ela cobrava muita disciplina, mas nos ensinava com muito carinho e afetividade. Lembro-me que nesta série, já mais crescidos, já nos confrontávamos muito com os colegas da escola, maiores que queriam bater nos menores, meninas que faziam muitas fofocas e acabavam em brigas, ou seja,

começamos a nos confrontar com as pessoas diferentes e muitas vezes usar da combatividade para resolver os problemas. Então ela começou a trabalhar a aceitação, a tolerância e a compreensão.

Lembro-me das histórias e fábulas que ela nos contava. Clássicos até hoje lidos, como patinho feio, João e Maria, o Bom Samaritano e outras histórias lindas que eu adorava ouvir. Sempre nos aconselhava muito e foi uma grande colaboradora com nossa educação. Quando ela percebia, que algum aluno foi mal educado em alguma situação ela não deixava passar. Logo, chamava os pais para conversar e orientava sempre a não castigar e sim conversar. As matérias que ela ensinava, recordo que ela procurava ser dinâmica, pois eram aulas ao ar livre. Trabalhávamos muito em contato com a natureza, pois naquela época, as escolas não eram construídas apenas sobre concretos. Naquela escola tínhamos uma área verde enorme, tínhamos pés de manga, laranja, jabuticaba, fruta-do-conde e outros.

Tínhamos uma horta em que nós ajudávamos a cuidar para complementar/enriquecer o nosso lanche que era muito bem-feito pelas merendeiras. Esta, já nos inculcava que, uma alimentação saudável fazia toda a diferença. Nosso lanche era fornecido pelo governo, mas apenas os secos, então elas faziam campeonatos entre salas para ver quem na semana ganharia, na arrecadação de verduras e legumes para o lanche da semana. Dessa forma todos participavam levando um pouco e elas passavam de sala em sala, mostrando os baldes cheios e afirmando que “esta semana vamos ficar bem fortinhos e bem alimentados, pois todos contribuíram bastante”. Mas, às vezes ficávamos preguiçosos e elas (merendeiras) cobravam-nos dizendo: “vamos ficar fraquinhos, pois esta semana esqueceram de contribuir” e logo nos animávamos e começávamos contribuir com alimentos que trazíamos de casa. Ou seja, desde cedo nos ensinaram que se cada um contribuísse com um pouquinho, todos nós sairíamos ganhando nos alimentávamos melhor.

Na terceira série também foi tudo tranquilo, a professora Terezinha, compartilhava com as mesmas ideias da professora Regina e era sempre muita atenciosa e dedicada, ensinando-nos a progredir em nossos estudos. Foi um ano de muito aprendizado

Já na quarta série, a história mudou um pouco, pois era a última série nesse grupo maravilhoso, além de mudar de série, mudamos para o período matutino e tivemos que nos adaptar a essa nova fase que nos prepararia para a entrada no ginásio (ensino fundamental) no ano seguinte.

A professora Dona Elisete era discípula de Dona Edra: comungava com as mesmas teorias, só não usava régua, mas o método usado era a reprovação. O aluno que não se adaptasse a seus moldes era reprovado. E ela não levava em conta as diferenças, as peculiaridades dos seus alunos. Era incrível, pois queria que o aluno sentasse do jeito que ela solicitasse, pedir licença do jeito que foi ensinado na primeira semana e se o aluno faltou nesses dias, o problema era dele. Quanta incompreensão nós acompanhamos nesse período. Ainda criança pequena já julgava os seus métodos.

Após ter sido aprovada pelos critérios dessa professora, fui para o ginásio (Ensino fundamental), em uma escola estadual muito conceituada e com bons professores. Muitas mudanças: escola grande: muitos alunos: um professor para cada disciplina. Enfim, um mundo novo a descobrir. E então segui em frente, ávida por conhecer esse universo dos alunos do ginásio. A única coisa que trazia certa semelhança com o passado eram os amigos, todos na mesma sala. Que chato! Levaram junto para essa outra fase, os apelidos, os fatos engraçados e aqueles que queremos esquecer. Recordo dessa fase também com muito carinho, pois sempre tivemos muito apoio nessa nova fase.

A matéria que eu mais gostei e identifiquei com o método, foi português. Adorava as aulas criativas da professora Hilda. Uma professora que ao analisar sua didática, alguns anos depois, notei que era uma professora bem a frente do seu tempo. Ela nos ensinava de uma maneira muito dinâmica e diferente daquela época. Valorizava as nossas diferenças e dificuldades, ensinando-nos a transpor nossas barreiras, com muita determinação. E sabe como ela fazia isso? Ao perceber que nos tínhamos vergonha muitas vezes em relatar nossa infância, nossa origem humilde, nossa família simples, nossa vida sem muitas novidades, sempre que ela pedia uma redação ou uma produção de texto, ela notava que alguns alunos mentiam, fantasiavam, não descrevia de fato o que ela havia pedido. Eu, por exemplo, tinha vergonha por pensar que ninguém queria saber de coisas simples, sem criatividade. Então ela colocou um dia na semana para nós conversarmos sobre o nosso cotidiano e nossas memórias.

Nós nos interessávamos muito por essa aula, gostávamos de ouvi-la contar a sua origem também humilde, sua família simples, sua trajetória escolar, suas dificuldades, suas ansiedades, suas maluquices, seus erros, seus acertos. E ela nos relatava, de uma maneira, que mais parecia uma novela, cada capítulo fazia com que nos interessássemos para o próximo.

Ouvindo sua história de vida, aprendi a valorizar e superar a vergonha, a timidez. Eu começando a entrar na adolescência, não valorizava muito a minha casa, por que era

simples, a educação dos meus pais que eram semianalfabetos, por pensar que éramos da roça não tínhamos cultura, que não estávamos de acordo com o que ditava a sociedade moderna. Após essas conversas nossas redações ficaram mais criativas, sinceras e quando, por exemplo, nos pedia para contar nossas férias, não mentávamos e relatávamos com muita criatividade e gratidão o nosso modo simples de viver. Mas nada é eterno e nem estático, e essa convivência maravilhosa chegou ao fim, e fomos para a sexta série, sem a professora de Português, que tanto nos ensinou sobre a vida.

Na sexta série, já mais acostumados com o ginásio, já participávamos de gincanas, de festas juninas, de jogos interescolares, já estávamos mais adaptados, e seguimos em frente com nosso aprendizado. Foi uma série mais difícil, matemática mais puxada, professores reclamando muito do nosso comportamento, enfim começamos a nos confrontar mais e a exigir algumas coisas e professores não cedendo, querendo que nós entendêssemos que eles eram os dominadores dos saberes e nós tínhamos que aceitar seus métodos.

Diante de tudo isso surgiu muitos conflitos. Eu que era uma aluna até comportada, comecei a não aceitar algumas questões. Mas, naquela época, meus pais cobravam obediência e disciplina e fui aprovada para a sétima série.

Na sétima série, algumas disciplinas foram ficando mais difíceis e os professores fazendo mais cobranças sempre com a ideia que o professor é o dono do saber e o aluno, uma cabeça vazia que tinha que ser preenchida com vários saberes. Isso ficou claro na sétima série. Quanta matéria difícil. Matemática era um horror, pensei que fosse reprovar, e o pior era que a professora, chegava à sala como se fosse um general, mal nos cumprimentava e começava logo a encher o quadro com exercícios, fórmulas jamais decoradas, quando pensava isso é fácil, logo ela complicava. Quando chegava à época das provas, ela piorava tudo o que você perguntava, a danada dizia que já tinha explicado, e não voltaria atrás nem por decreto.

Acho que foi nessa época que comecei a detestar matemática. Achei que eu não fazia parte desse mundo numérico. Mas, com muito esforço, e estudo, passei sem recuperação, mas, as maiorias dos meus amigos do grupo escolar, foram ficando para trás.

Na oitava série, uma grande mudança em minha vida. Mudei para Brasília para morar com minha irmã e comecei a estudar em uma escola classe do Cruzeiro Novo. Estudava à tarde e estava me adaptando bem, apenas que achava o ensino um pouco mais atrasado em relação ao que eu estudava em Ceres-Go-.

Os alunos da minha sala eram legais, mas vivia em uma realidade um pouco diferente da minha. Lembro-me, que eu cobrava dos professores mais tarefas, mais explicações, e eles (alunos) logo criticavam: temos um cdf aqui na sala. Nota para mim era acima de MS e então ficava chateada quando tirava menos que isso, e alguns diziam: “ tá reclamando do quê? Se não que essa nota, tem um monte de gente precisando aqui”. Logo percebi que nesta escola, o professor fingia que ensinava e o aluno fingia que aprendia, pois o que eles menos queriam eram atritos. Os professores eram meios distantes, acostumada com o ritmo deles lá na minha cidade, ora bons, ora ruins e não recordo de nenhuma característica marcante dos professores e nem das disciplinas da oitava série. Achei o conteúdo das disciplinas muito fáceis, talvez por isso, sem dificuldade e tudo passou sem muita observação.

Fui para o 1º ano do segundo grau e novamente mudei de escola. Fui estudar a noite, em uma escola pública de Taguatinga e também comecei a trabalhar. Conciliei muito bem as duas coisas, estudo e trabalho e devido a isso fiz o curso acadêmico, pois achei que preparava melhor para o vestibular. Apesar de já não ter muito tempo disponível, fiz muito bem o segundo grau. Tive bons professores, que sempre nos orientava com as disciplinas pensando sempre no vestibular. Tudo correu muito bem, procurei explorar o máximo o conhecimento deles, principalmente as matérias de português, matemática, química, física e biologia. Todo o meu tempo disponível era para o estudo. Enfim terminei o segundo grau e demorei um pouco para prestar vestibular, pois na época tive outras prioridades como alguns cursos para aperfeiçoamento profissional e então prestei vestibular para administração de empresas.

Até cogitei fazer pedagogia, mas ser professor na época era tão desestimulante que pensei logo em outras áreas.

Passei para administração de empresas em 1994. Foi um curso muito produtivo e abriu muitas portas profissionalmente para mim. Em 1997 me casei e fiquei grávida. Decidi que não trabalharia por um tempo e deixei um estágio que fazia em um Banco. Depois voltei a trabalhar com meu esposo em uma indústria de Laticínio que tínhamos em nossa fazenda que é próximo a Águas Lindas de Goiás, mas não deu certo e voltei a procurar trabalho na área administrativa.

Na escola onde meus filhos estudavam, estava iniciando um curso de pedagogia na modalidade a distância e fui convidada a ser tutora presencial devido a minha graduação em Administração.

Por dois anos acompanhei duas turmas como tutora presencial e foi quando me apaixonei pelo curso. As aulas eram por web-conferência, uma vez por semana e eu acompanhava as turmas, uma as sextas-feiras a noite (1º período) e outra aos sábados (3ª período) Como tutora presencial, era responsável por abrir as salas, ligar os equipamentos, fazer rematrícula, imprimir boletos, imprimir, aplicar e postar provas. O formato era bem diferente da UAB/ UnB. Quando não tinha nada burocrático para fazer, eu assistia às aulas e me apaixonei pelo curso e assim que soube do processo seletivo da UAB/ UnB me inscrevi e graças a Deus comecei a estudar em 2009. O formato do curso em que fui tutora era muito diferente. O curso era muito tradicional. As avaliações eram provas objetivas e trabalhos. Não tinha fórum, nem ambiente virtual de aprendizagem.

Inicialmente na UAB/UNB, tive muitas dificuldades, pois estava há muito tempo sem estudar e o curso tinha um formato diferente do que eu conhecia. Tive e ainda tenho dificuldade com a internet, nossa principal ferramenta de estudo.

O primeiro semestre foi muito bom apesar das dificuldades. Gostei muito dos tutores à distância, dos professores supervisores e das disciplinas disponibilizadas que foram: Investigação Filosófica, Perspectivas do Desenvolvimento Humano, Teorias da Educação, Antropologia e Projeto 1.

Amei estudar Antropologia, conhecer e valorizar a cultura de todos os povos. Confesso que nunca tinha refletido tanto sobre as matrizes que constituíram nosso Povo Brasileiro. Tive muitas dificuldades em Investigação Filosófica, mas as outras foram mais tranquilas. Gostei muito da disciplina Projeto 1 onde li alguns livros, principalmente sobre Paulo Freire.

No segundo semestre, tive muita dificuldade com a internet. Por morar em Zona Rural, não ter rede para telefone fixo e minha casa ficar em um local muito baixo que não tem sinal significativo, não consegui colocar uma internet que funcionasse. Tentei de tudo: via rádio, modem e não consegui ter acesso em casa. Trabalhando 8 horas por dia fora de casa, em um local onde era impossível acessar a plataforma, ler textos, fazer postagem de cinco disciplinas e devido a todo esse contratempo fui aprovada em apenas três disciplinas.

Contudo eu comecei a gostar de ler e entender melhor as atividades, a gostar dos autores, dos pensadores e teóricos. Comecei a ler mais, a entender sobre a sociedade, sobre qualidade em educação, a me interessar pelas leis e entender melhor sobre a Organização da Educação Brasileira, sobre seu passado e o porquê de até hoje, apesar de

falarem tanto, ainda existam tantos analfabetos e a escola pública ainda não alcançar a qualidade de que tanto necessitamos.

Gostei muito de estudar sobre Educação Ambiental e li bastante sobre a sustentabilidade e é um tema que gosto muito de aprender e ensinar, pois aprendi que os recursos que achávamos que eram infinitos e renováveis podem acabar e temos que nos conscientizar e aprender a usar para que todos nós possamos usufruir agora e sempre e não ficarmos pensando, como dizia minha professora, “que vemos a natureza como um supermercado” e isso não pode continuar, pois temos que agir localmente para atingirmos globalmente e isso que aprendi eu ensino para os meus alunos. Deixei de cursar algumas disciplinas que eram pré-requisitos e acabei ficando um pouco perdida e desmotivada, mas com apoio do tutor presencial e das colegas tive força e vontade de continuar.

No terceiro período, tentei cursar todas as disciplinas, mas novamente tive dificuldades com a internet. Estudava bastante, imprimia todo o material e lia, mas apesar do esforço, às vezes não conseguia participar dos fóruns ou enviar as tarefas no período determinado. Nesse período, gostei muito da disciplina Língua Materna. Foi uma lição, um aprendizado e tanto. Mudou totalmente a minha relação com meus alunos e pais. Percebi como é importante valorizar as pessoas, sua cultura, suas raízes. Gostei muito de entender esse aspecto linguístico e não mais, como dizia um autor de um texto lido, praticar o “preconceito linguístico.”.

No quarto período abandonei o curso. É impossível estudar a distância sem uma Internet que funcione e deixei de lado o meu sonho. Reprovei em todas as disciplinas.

No quinto período consegui colocar internet em casa e retomei o curso. Tudo melhorou. Comecei a participar mais, a interagir nos fóruns e consegui ser aprovada em todas as disciplinas inclusive nas reofertas.

No sexto período continuei motivada. Cursava as cinco disciplinas e ainda duas reofertas. Adorei a disciplina Educação de Adultos e foi muito bom ler mais profundamente sobre Paulo Freire. Um autor que mudou a minha percepção sobre Educação de Jovens e adultos foi Dr. Renato Reis que em seu estudo traz várias reflexões e aborda vários temas complexos. A obra de Renato Reis são profundas e para quem deseja conhecer melhor suas reflexões eu aconselho a leitura, pois esta é de muita relevância social, pois traz a tona problemas enfrentados no contexto da Educação de Jovens e Adultos. O autor estabelece um diálogo muito importante com autores que estudaram o desenvolvimento e a constituição dos sujeitos dentro de uma sociedade de

forma que nos dá um entendimento sobre o desenvolvimento e a constituição desse sujeito e passamos assim a entender que somos seres históricos, políticos, sociais e culturais.

Hoje percebo que amo o curso de Pedagogia. Estou muito feliz por estar no 9º período. Estou novamente com problemas com a internet, mas estou procurando resolver para terminar o curso com qualidade que ele exige e que eu mereço. Hoje sou uma mulher mais feliz e comprometida com o meu trabalho. Sou professora por convicção. Amo cada um dos meus alunos e fico muito feliz com o crescimento deles. Sou uma pessoa melhor, pois através dos textos lidos, aprendi que o ser humano é um ser histórico e social e que seu comportamento tem a ver com o contexto vivido e a falta de oportunidade e acesso aos bens culturais. Dessa forma, muitas vezes os pais dos meus alunos me procuram para conversar e com isso uma amizade surge e procuro sempre motivá-los a serem bons pais, a acompanhar seus filhos na escola e inclusive incentivando-os a retomar seus estudos. Penso que somente a educação pode ser transformadora e eu a cada dia me transformo.

2ª PARTE: TRABALHO MONOGRÁFICO

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo geral investigar se a gestão de uma escola municipal, possui estratégias que possam trazer a família para o espaço escolar e como objetivos específicos investigar se promove a inclusão de familiares no ambiente escolar e se positivo, como ocorre essa ação e discutir sobre as ações tomadas frente às ações realizadas pela instituição.

Este está estruturado em três partes, os quais são o memorial, o referencial teórico e as perspectivas profissionais. O memorial aborda as minhas experiências vividas durante a vida escolar e a faculdade, além dos aspectos da vida pessoal em que são expostos momentos significativos para a trajetória profissional de uma pessoa.

A monografia está dividida em três capítulos: Referencial teórico, que traz uma contextualização de Escola, de Democracia, Democratização e Gestão Democrática e o papel da família no contexto educacional. No segundo Capítulo, temos a Metodologia da pesquisa que foi utilizada a análise qualitativa e como instrumento de coleta de dados foi adotado o questionário e complementando a metodologia utilizamos a análise documental. No terceiro capítulo aborda a análise e discussão dos dados. Em seguida temos as Conclusões e Considerações finais que apontam os resultados da pesquisa e trazem algumas considerações sobre os problemas apresentados.

As perspectivas profissionais são como o próprio nome diz referentes aos planos futuros para depois da graduação.

JUSTIFICATIVA

A escola é um espaço onde se tem a responsabilidade de transmitir conteúdos capazes de desenvolver o aluno em todas as dimensões: cognitivas, afetiva, política, social, econômico, científico, e cultural, preparando assim o aluno para ser um sujeito crítico – reflexivo em uma sociedade em constante transformação. Atualmente a educação é em todos os países pensada como essencial e aqui no Brasil ela é garantida á todos os cidadãos como direito subjetivo.

Dessa forma, quando o aluno chega nesse espaço, é esperado que a escola dê-lhe condições para que ele aprenda e se desenvolva integralmente. Mas, muitas vezes, percebemos que é esperado apenas da escola e os pais não estão se envolvendo de forma significativa no desenvolvimento escolar dos filhos, apesar de atualmente em nossas escolas principalmente públicas, ter sido consagrada em lei a gestão democrática e com isso a família é convidada a participar dos processos que envolve decisões sobre a gestão /administração da escola.

Na gestão democrática há compartilhamento de responsabilidades. Cada personagem tem a sua importância nas decisões tomadas na instituição escolar. Assim professores, alunos, gestores, pais ou responsáveis passam a fazer parte da construção significativa da aprendizagem.

Entretanto, apesar desse direito de participar consagrado em lei, a família não está participando como o esperado. Por esse motivo faz-se necessário estratégias que motivem e estimulem os pais e responsáveis a conscientizarem que o apoio deles é relevante para o processo de ensino - aprendizagem e que a instituição escolar não pode sozinha de forma alguma, absorver toda essa responsabilidade.

A família tem um papel muito importante na relação família – escola. Quando o aluno sente o apoio familiar de forma construtiva, e não apenas por meio da cobrança, ele se fortalece, seu desempenho é muito mais significativo. Observamos alunos que não tem esse apoio, são mais indisciplinados, pois é um meio de chamar atenção e mostrar que ele que ser ajudado, amado e que quer que alguém (seus responsáveis) lhe dê o devido valor, apoio e a atenção merecida e necessária para o crescimento saudável no processo educativo.

Sabemos que muitos pais delegam a função de educar para a escola, devido ao fato de pensarem que as pessoas que trabalham nelas serem consideradas com

conhecimentos muitas vezes superiores ao da família. Mas, sabemos que a escola não pode prescindir o apoio e ajuda da família no processo ensino – aprendizagem.

A história da Educação Brasileira tem vivenciado momentos de lutas e avanços. Passamos por vários momentos. Alguns, muito difíceis que culminaram em uma população com um índice de analfabetismo enorme, devido ao fato do acesso à educação em muitos contextos, ter sido negado a maioria da população, sendo favorecida apenas para a elite.

Hoje, apesar do avanço em nossas leis, ainda temos um desafio muito grande pela frente: acesso e permanência a uma educação com qualidade para todas as pessoas e que a escola exerça de fato a sua função social, que é desenvolver o aluno de forma plena e integral, valorizando sua capacidade, habilidade e suas limitações.

Nessa perspectiva, é possível verificar a responsabilidade da escola e de seus profissionais, para que, alcance esse objetivo e por isso é necessário contar com todos os envolvidos: família – professores – gestores, servidores e as diferentes esferas: estaduais, municipais, federal, para que todos juntos possam melhorar a qualidade da educação de nossas escolas.

CAPÍTULO I - REFERENCIAL TEÓRICO

1.1 - Escola

O ambiente escolar é um dos locais onde acontece o processo de ensino e aprendizagem. Em espaços denominados informais, também ocorre e desenvolve o processo de ensino e aprendizagem, porém, é na escola que esse processo acontece de forma sistematizada e com objetivos delineados para que seja revelada a sua função que é social e que na visão de Dewey (1967, p. 08) citado por Galiani e Machado (2009, p. 07), a escola deveria ir além de um espaço que favorece apenas a Educação formal. Em suas palavras:

A escola deve assumir a feição de uma comunidade em miniatura, ensinando situações de comunicação de umas a outras pessoas, de cooperação entre elas, e ainda, estar conectada com a vida social em geral, com o trabalho de todas as demais instituições: a família, os centros de recreação e trabalho, as organizações da vida cívica, religiosa, econômica, política

Dessa forma, o pensamento do autor traz considerações feitas observando outro contexto histórico, podendo ser visto e pensado para o nosso tempo presente, no ambiente escolar atual. O que autor já pensava naquele contexto é que a escola tem uma função e uma função social que seria favorecer ao educando conhecimentos, competências, habilidades e, sobretudo aprender a viver em e para a sociedade, objetivando o trabalho da escola de forma a abranger a vida do educando como um todo.

Nas palavras de Dewey (1967, p. 08) apud Galiani e Machado (2009, p. 07) “A escola deve assumir a feição de uma comunidade em miniatura.” Nesse sentido sua afirmação sobre o espaço escolar, é o que percebemos que se aproxima com os objetivos preconizados pela gestão democrática da escola pública, onde da relevância a participação de todos os envolvidos na gestão educacional: alunos; pais; equipe pedagógica; professores; gestores; servidores e outros.

Sendo um espaço onde o educando experimenta e vivencia muitas situações que muitas vezes no seu dia a dia, no interior de outra instituição tão importante quanto à escola - a sua família – às vezes não acontece da mesma forma. Na escola há o encontro da diversidade em todas as suas formas, e o tempo que o aluno passa nesse espaço, ele vive intensamente todas as suas fases. Constrói um aprendizado que poderá contribuir para a sua formação como cidadão em uma sociedade em constante transformação.

Nesse sentido a escola é responsável em ministrar o conhecimento que é acumulado em toda a nossa história, sistematizá-los e socializá-los, de forma que possa ser passado de geração á geração. Saberes científicos, culturais, sociais, econômicos e políticos que despertem no cidadão uma reflexão critica do mundo em que vivemos em todos esses aspectos.

Polonia e Dessem (2005, p. 02) falando sobre a relação família-escola ressaltam que: “Neste ambiente, o atendimento às necessidades cognitivas, psicológicas, sociais e culturais da criança é realizado de uma maneira mais estruturada e pedagógica que no ambiente de casa.”

Além de o atendimento ser realizado de forma diferenciada, a escola também precisa fazer uma conexão com os conteúdos disponibilizados e a vida do educando, de forma que a aprendizagem ocorra não só na teoria, mas que estabeleça relação com a vida prática do educando.

A escola deve valorizar os conhecimentos prévios dos alunos, pois esse aluno é o sujeito da aprendizagem e da prática educativa, e ele e sua família buscam nesse espaço, conhecimento para que ele possa ser inserido na sociedade e no mundo do trabalho. Essa vontade de aprender e se desenvolver são garantidos em nossa Constituição, lei maior do País em consonância na Lei de Diretrizes e Bases. Na Constituição de 1988 temos no artigo 205 que:

Art. 205. A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

Já na LDB está assim expressa:

Art. 2º. A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

Essa educação está garantida em lei e é responsabilidade da família efetuar a matricula do aluno, a escola e as esferas administrativas, assegurar a todos os cidadãos e promover saberes necessários para a vida em sociedade.

Brasil (1997) salienta que: “(...) é papel do Estado democrático investir na escola, para que ela prepare e instrumentalize crianças e jovens para o processo democrático, forçando o acesso à educação de qualidade para todos e às possibilidades de participação social”.

A escola também é considerada como um espaço que tem uma função equalizadora e Ramos (2013, p. 19) nos ajuda a entender que função seria essa:

Ter clareza da função social da escola e do homem que se quer formar é fundamental para realizar uma prática pedagógica competente e socialmente comprometida, particularmente em um país de contrastes como o Brasil, no qual convivem grandes desigualdades econômicas, sociais e culturais.

Em um país, onde os bens materiais e culturais estão disponíveis a uma minoria, faz-se necessário a escola promover uma prática pedagógica em seu interior, que seja capaz de oportunizar a maioria, conhecimentos, habilidades e competências que possa favorecer acesso a esses bens.

Demo (1993) apud Ramos (2013, p. 164) vai mais além da função da escola. Ele pontua que:

O poder da escola é de ser o lugar próprio onde se inicia e se sedimenta a capacidade de navegar e produzir conhecimento, oportunidade de desenvolvimento. Com isto o papel da escola torna-se mais específico, ultrapassando a figura de complementação da família, ou de socialização de normas e valores, para assumir condição de lugar de formação de um tipo especial de competência frente à formação da cidadania e frente às mudanças na sociedade e na economia. A escola tenderá a tornar-se instância estratégica em termos de equalização de oportunidade e de qualificação das mudanças estruturais. Tem de ser qualitativa e universal para assegurar a todos a oportunidade de desenvolvimento.

Nesse sentido, a escola e família, precisam estar conscientes da complexidade de seus papéis. É necessária uma ajuda mútua, fazendo do espaço escolar um espaço dialógico, democrático de fato e não uma democracia representativa, que é quando participo apenas para eleger o candidato a diretor, e depois não posso mais participar da gestão da escola onde meu filho estuda, dando ideias e opiniões quanto a forma de gestão e organização desse espaço.

Brasil (1997), ressalta que: “Apresenta-se para a escola, hoje mais do que nunca, a necessidade de assumir-se como espaço social de construção dos significados éticos necessários e constitutivos de toda e qualquer ação de cidadania”.

Nesse sentido a educação que já foi pensada filosoficamente segundo Luckesi (1990) como redentora, reprodutora e transformadora da sociedade, possa ser vista atualmente como dinâmica e transformadora promovendo a inserção das famílias nesse espaço para que desde cedo o aluno aprenda que na escola aprendemos conceitos, atitudes e procedimentos, mas, também é o local onde podemos aprender a praticar e vivenciar a democracia sob a forma de gestão democrática através da participação, da interação, da

responsabilidade e compartilhamento de ideias que possa promover uma educação de qualidade .

1.2 - Democracia, Democratização e Gestão Democrática.

Abordar a temática apontada neste trabalho nos faz esclarecer o que é Democracia. Nas palavras de Dalbério (2000, p. 71), “denomina-se democracia (do grego demos, “povo” e kratos, “poder”) uma forma de organização política que reconhece a cada sujeito membro da comunidade o direito de participar da direção e gestão dos assuntos públicos”.

Segundo Ferreira (1999) democracia significa: “s.f. Governo do povo. Regime político que se funda na soberania popular, na liberdade eleitoral, na divisão de poderes e no controle da autoridade”. Sendo assim, democracia pode ser entendida como um direito estendido às pessoas para que possam expressar seu ponto de vista, sua vontade, tendo liberdade para opinar e ter seus direitos considerados e representados.

Já em Aulete (2009) podemos encontrar que democracia significa “governo do povo. Sistema político em que o povo participa do governo diretamente ou elegendo livremente seus representantes. Estado que tem essa forma de governo. Igualdade política e social”.

De ambas as formas, entendemos que democracia é um sistema de gestão onde o povo participa ou elege seus representantes, que é o modelo de democracia que vivenciamos em nosso País. Para entender o que é democracia e democratização faz se necessário um breve relato sobre como aconteceu o processo de redemocratização em nosso País, sobretudo na área educacional.

Dalbério (2009) pontua que “o golpe de 1964 representou a interrupção do avanço da democratização social e política em gestação em nossa história, incluindo a educação escolar e popular no Brasil.” Afirma ainda que “o regime militar interferiu na área educacional criando uma cultura de comando autoritário de mandatos legais, baseados mais no direito da força do que na força do direito”.

Tivemos um histórico de dominação desde a colonização e foi-se alastrando em diversos momentos da história como aponta abaixo Castro e Regattieri (2009, P. 25)

A partir dos anos 1950, crescem a importância que as famílias atribuem à educação e a aproximação entre escola e família. Esse processo, entretanto, esteve sujeito a idas e vindas: durante os períodos autoritários, por exemplo, a escola pública brasileira esteve menos permeável ao diálogo com as famílias e as comunidades.

O país ainda vivenciou uma ditadura militar por vinte anos, que só foi possível terminar com muitas lutas e movimentos sociais que culminaram com o fim do regime militar e a promulgação em 1988 da Constituição Federal, lei maior do País, representando assim um marco no que diz respeito à democracia e as possibilidades de estruturação de uma sociedade igualitária onde todos os seus cidadãos pudessem fazer valer seus direitos e assim vivenciar uma democracia esquecendo um período difícil e complexo experienciados anteriormente.

Muitos pensadores, teóricos, lutaram pela democracia no sistema Educacional Brasileiro, até mesmo anteriormente ao período da ditadura como o educador Paulo Freire, que há muito já lutava por uma gestão democrática, que privilegiava o envolvimento de todos os responsáveis no processo educativo: pais, alunos, responsáveis, professores, educadores, enfim toda a comunidade. Freire mostra através de suas falas muito bem argumentadas, essa necessidade de dar voz e vez para as pessoas que fazem parte desse sistema de ensino. Lutou muito pela desalienação do sujeito, pois considerava as classes que mais necessitavam de uma educação pública de qualidade como oprimidos, vivendo sempre sobre a tutela do estado e de seus mandos e desmandos, nunca tendo vez e voz para lutar e ver seus anseios e necessidades realizadas de forma plena, eficiente e participativa, lutando sempre pela autonomia e por uma pedagogia que tornasse o cidadão um sujeito crítico e reflexivo para que pudesse reconhecer os seus direitos e deveres na sociedade.

Nesse sentido, Antunes (2002, p.131) apud (Dalbério 2009, p. 73) aponta que: “A democracia escolar só se efetiva dentro de um processo de gestão democrática, entendida como uma das formas de superação do caráter centralizador, hierárquico e autoritário que a escola vem assumindo ao longo dos anos” [...] Sobre o tema, ainda citando Dalbério (2009, p. 71) traz uma importante reflexão citando um renomado educador:

Mas é importante acrescentar que a democracia não [é um fim em si mesma; é uma poderosa e indispensável ferramenta para a construção contínua da cidadania, da justiça social e da liberdade compartilhada. Ela é a garantia do princípio da igualdade irrestrita entre todas e todos... (CORTELA, 2005, P. 146).

Dessa forma, com o golpe militar, o sonho só pode ser retomado com a promulgação da Constituição Federal de 1988 e nos anos 90 a elaboração da LDB. Na própria LDB no seu Art. 14 temos que os sistemas de ensino definirão as normas da gestão democrática do ensino público na educação básica, de acordo com as suas peculiaridades e conforme os seguintes princípios:

I - participação dos profissionais da educação na elaboração do projeto pedagógico da Escola;

II - participação das comunidades escolar e local em conselhos escolares ou equivalentes.

Nesse sentido, segundo Aulete (2009) o significado de participação seria: ter ou tomar parte; compartilhar ou compartilhar; informar ou dar ciência de; comunicar.

Dessa forma, a participação no contexto educacional tem respaldo na Constituição e na LDB e observa-se que avançamos muito no fortalecimento da mesma, porém ainda temos um grande caminho a percorrer. Dalbério (2009, p. 70) salienta que “quando a sociedade como um todo se manifestou exigindo a democratização da escola pública, ela foi ouvida e atendida”.

Tivemos então uma mudança de paradigma, onde de uma administração/gestão praticamente autoritária, centralizadora, hierárquica, isolada do desenvolvimento das atividades pedagógicas, a escola hoje está voltada para uma gestão onde predomina ainda os princípios administrativos, mas com um novo enfoque que supera a visão tradicional de uma organização. Sobre isso, Luck (1997, p. 04) ressalta que:

Como resultado, a ótica da gestão não prescinde nem elimina a ótica da administração educacional. Apenas a supera, dando a esta um novo significado, mais abrangente e de caráter potencialmente transformador. Daí porque ações propriamente administrativas continuarem a fazer parte do trabalho dos dirigentes de organizações de ensino, como, controle de recursos, de tempo, etc.

Hoje, devido a mudanças inerentes as sociedades em transformação, as escolas perceberam que é complexo educar em todas as dimensões e a participação da família no contexto escolar é essencial. Valerien (1993, p.15) enfatiza que:

Conforme afirmado em trabalho conjunto entre UNESCO e MEC, "o diretor é cada vez mais obrigado a levar em consideração a evolução da ideia de democracia, que conduz o conjunto de professores, e mesmo os agentes locais, à maior participação, à maior implicação nas tomadas de decisão.

Culturalmente, ficou enraizada que a administração escolar se comparava com um modelo de administração tradicional em seus processos: centralizador: autoritário: rígido e burocrático. Por esses motivos, muitos pais não se aproximam da escola como deveriam, deixando que a escola tome decisões na função de ensinar e muitas vezes educar seus filhos.

A comunidade na qual a escola está inserida é uma comunidade carente. Percebe-se que a maioria dos pais são pessoas simples e a grande maioria não possui a educação formal. Uma das queixas da direção, é que as famílias não participam das reuniões, a maioria das crianças não tem ajuda em casa para realizar tarefas, ler uma história, e os pais não estão sabendo avaliar o papel da família nesse processo. Muitos ainda veem a escola no aspecto assistencial: um local onde deixo o meu filho para ficar um tempo sendo cuidado por pessoas adultas com segurança.

Costa (2011, p. 08) aborda que: “a constituição do sujeito se dá no mundo das relações sociais e seus grupos sociais próximos são a escola e a família, cuja influência é determinante no fracasso ou no sucesso escolar”. Sabemos da importância da participação familiar no contexto educacional para que o processo ensino-aprendizagem seja significativo, uma vez que quando a família apoia o aluno nesse processo, ele sente pertencido e motivado e com isso a família ajuda – o a organizar sua rotina, estabelecendo prioridades com a educação e isso favorece o educando a conviver, a socializar e a aceitar as regras e a disciplina da escola. Nesse sentido Lahire (2011, p. 09) enfatiza que:

O aluno que vive em um universo doméstico material e temporalmente ordenado adquire, portanto, sem o perceber, métodos de organização, estruturas cognitivas ordenadas e predispostas a funcionar como estruturas de ordenação do mundo.

Ainda segundo o autor “diferentes abordagens têm sido adotadas na investigação do fenômeno do fracasso escolar, deslocando-se a ênfase ora para o aluno, ora para escola e ora para a família”. Nessa direção, sabemos que é normal procurar culpados e muitas vezes recaem apenas para o professor o papel de educar e do êxito na educação, não avaliando todos os pontos possíveis que podem direcionar para o sucesso ou o fracasso escolar dos estudantes.

O mesmo autor ressalta que o sucesso escolar favorece aos educandos a chance de atingir as finalidades da Educação Básica, segundo a Resolução CEB no. 3, de 26 de junho e 1998 no Art. 4º, Inciso I:

Desenvolvimento da capacidade de aprender e continuar aprendendo, da autonomia intelectual e do pensamento crítico, de modo a ser capaz de prosseguir nos estudos e de adaptar-se com flexibilidade a novas condições de ocupação ou aperfeiçoamento.

No espaço escolar, é comum os envolvidos emitirem opiniões sobre determinados alunos que recebem o apoio familiar e se destacam no ambiente escolar. São alunos que

fazem parte da mesma comunidade, convivem com as mesmas pessoas, em sala de aula recebem o mesmo estímulo e apresenta resultados diferentes. Sobre essa questão, Costa (2011, p. 8) ressalta que:

Considerando-se a relação de influência recíproca, escola/família, nos resultados escolares de alunos oriundos de camadas populares e com baixa escolaridade é relevante enfatizar aspectos da socialização da criança em seu contexto familiar que produzem impactos diretos nos desempenhos escolares das crianças, a saber: as formas familiares de cultura escrita, as condições e disposições econômicas, a ordem moral doméstica, as formas de autoridade familiar e as formas familiares de investimento pedagógico.

Nesse sentido, escola e família, através da Gestão Democrática, deve ter uma relação baseada no diálogo, como tão bem defendeu o Educador Paulo Freire para que a família se sinta importante, tenha “voz e vez” nesse processo, sabendo que será ouvido, Esse foi também um dos objetivos de ter se efetivado a Gestão Democrática em nossas escolas públicas, onde de uma gestão centralizadora, passou a trabalhar de forma democrática, para que todos os envolvidos possam participar de forma efetiva e significativa.

Dalbério (2009, p.86) ressalta que:

Sabemos que comumente, a comunidade tem apresentado tímida participação na escola, não compartilhando com sua vida, nem comungando com seus problemas, nem mesmo interferindo com sugestões, cobranças ou ações em prol da sua melhoria. [...] porque desconhecem as questões educacionais, teóricas e pedagógicas, e mesmo não apresentam devida clareza sobre o seu papel de cidadão[...]

Entretanto a escola deve promover estratégias que leve a comunidade a entender e valorizar o seu papel se constituindo também como sujeitos nesse espaço. Polonia e Dessen (2005, p. 02) nos fala sobre a importância dessa participação.

A escola deve reconhecer a importância da colaboração dos pais na história e no projeto escolar dos alunos e auxiliar as famílias a exercerem o seu papel na educação, na evolução e no sucesso profissional dos filhos e, concomitantemente, na transformação da sociedade.

Dessa forma a escola também poderá ser atuante no que tange a promover estratégias que motivem e estimulem os pais e responsáveis a entender que eles podem ser mais participativos na vida escolar de seus filhos, conscientizando que o apoio deles é relevante para o processo de ensino-aprendizagem e que isso implica diretamente no sucesso ou fracasso escolar e que a instituição escolar não pode sozinha, absorver toda essa responsabilidade.

1.3 - O papel da família no contexto educacional

A família é considerada a primeira e a mais importante agência educadora. Ao nascer, já somos inseridos em contextos de ensino e aprendizagem. Aprendemos à língua materna, os costumes, os valores, os hábitos e a cultura de nossos pais.

Aprendemos e ensinamos em diversos momentos sem nos dar conta dessa relação. Brandão (2007, p. 07) aponta reflexões sobre o aprender e o ensinar, e nos traz uma reflexão bastante pertinente sobre educação ou educações?

Ninguém escapa da educação. Em casa, na rua, na igreja ou na escola, de um modo ou de muitos todos nós envolvemos pedaços da vida com ela: para aprender, para ensinar, para aprender e ensinar. Para saber, para fazer, para ser ou para conviver [...].

Família, segundo Aulete (2009) significa grupo de pessoas que tem parentesco entre si; pai, mãe e filhos. Significando dessa forma, nos remete a família de algumas décadas atrás. Já segundo Ferreira (1999) família tem-se os seguintes significados: s.f. o pai, a mãe e os filhos: família numerosa. Todas as pessoas do mesmo sangue, como filhos, irmãos, sobrinhos etc. / Grupo de seres ou coisas que apresentam características comuns. Castro e Regattieri (2009, p. 25) salientam que:

Assim as famílias contemporâneas assumem novos formatos com mães responsáveis pelo sustento dos filhos, pais solteiros, madrastas e padrastos de segundos casamentos, união entre pessoas do mesmo sexo com direito a adoção de filhos etc. A organização das famílias passa a incluir novos arranjos que refletem mudanças socioculturais.

Nesse sentido, em nossa sociedade atual, devido a transformações sociais, econômicas e culturais, foi ressignificado o conceito de família, e hoje temos outras constituições: mãe e filhos; pai e filhos, tios que criam sobrinhos; avós que criam netos; pais adotivos e outras. Todas essas formações e outras são aceitas com a denominação família e a ela é atribuída funções e responsabilidades. Encontramos em Valadão; Santos apud (Sousa; José Filho, 2008, p. 3), a seguinte reflexão sobre a responsabilidade da família e sobre sua formação: “Independentemente de como a família é constituída, esta é uma instituição fundamental da sociedade, pois é nela que se espera que ocorra o processo de socialização primária, onde ocorrerá a formação de valores[...]”.

Embora desconhecemos, desde que nascemos, somos inseridos em situações de ensino aprendizagem. Brandão (2007, p. 19), traz reflexões sobre esse processo ensino-aprendizagem em momentos não formais.

As meninas aprendem com as companheiras de idade, com as mães, as avós, as irmãs mais velhas [...]. Os meninos aprendem os jogos e brincadeiras de seus grupos de idade, aprendem com os pais, os irmãos da mãe, os avós [...] Elas existem misturadas com a vida em momentos de trabalho, de lazer, de camaradagem ou de amor.

A família e a escola são instituições onde o processo de ensino e aprendizagem acontece. A primeira com a intenção de educar seu filho, repassando os conhecimentos e sua cultura informalmente e a segunda com uma finalidade, de forma intencional. Ambas com o mesmo propósito: formar cidadãos aptos a viverem em sociedade. Polonia e Dessen (2005, p. 02) sobre o papel da família, salientam que: “Um dos seus papéis principais é a socialização da criança, isto é, sua inclusão no mundo cultural mediante o ensino da língua materna, dos símbolos e regras de convivência em grupo, englobando a educação geral e parte da formal, em colaboração com a escola”.

Contudo, é no contexto escolar que os conhecimentos são sistematizados e disponibilizados de forma que o aluno tenha condições de apreendê-lo e ter acesso ao conhecimento científico, possibilitando crescimento e que com isso, possa ser inserido na sociedade como um cidadão crítico e reflexivo com qualificação para exercer funções no mundo do trabalho.

Na Constituição e também na LDB, a educação é dever da família. Na LDB está assim expressa:

Art. 2º. A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

Pensando dessa forma, família e escola como duas instâncias distintas, mas educadoras, deveriam ter um relacionamento estreito, com segurança, confiança e dialogo, caminhando juntas com o mesmo interesse e acompanhar o crescimento do individuo enquanto aluno de uma instituição. Polonia e Dessen (2005, p.03) ressaltam que “Os benefícios de uma boa integração entre a família e a escola relacionam-se a possíveis transformações evolutivas nos níveis cognitivos, afetivos, sociais e de personalidade dos alunos”

Sabemos da importância do papel da família no contexto educacional, mas o que estamos vivenciando é uma entrega dos filhos para a instituição escolar e a não participação da família nesse contexto.

A família, na contemporaneidade, está delegando responsabilidades de educar o filho para as escolas e muitas vezes não se preocupando com o que está sendo ensinado, como está sendo ensinado e com que finalidade.

Muitos pais não participam da vida escolar do seu filho esquecendo que família e escola não podem ser antagônicas e sim complementares. Percebemos em diversas oportunidades que os pais poderiam participar mais da vida escolar dos seus filhos, mas não o fazem e entregam toda a função de educar para a escola.

Ao observar alunos que os pais se comportam dessa forma, muitas vezes percebemos que são crianças desmotivadas, com baixa autoestima e que se acostumou a não dividir com a família os avanços e tampouco os problemas enfrentados na escola. Com isso, muitos pais só veem para o ambiente escolar nos momentos festivos (Datas comemorativas) ou no momento da matrícula ou transferência dos filhos por algum motivo, ficando assim ausentes do contexto educacional e do processo ensino-aprendizagem de seu filho.

Agindo dessa forma, a família se acostuma a não participar da vida escolar e esquece que esse comportamento é fundamental para o sucesso ou fracasso escolar do aluno. Contudo, se algumas famílias não têm essa percepção, é papel da escola dialogar com a família sobre seu papel como salienta Polônia e Dessen (2005, p. 02), cita Carvalho (2000) complementando esse pensamento: “Apesar de a família ser apontada como uma das variáveis responsáveis pelo fracasso escolar do aluno, a sua contribuição para o desenvolvimento e aprendizagem humana é inegável”.

As autoras acima citadas nos ajudam a refletir sobre a importância da contribuição da família e ainda ressalta que “os benefícios de uma boa integração entre a família e a escola relacionam-se a possíveis transformações evolutivas nos níveis cognitivos, afetivos, sociais e de personalidade dos alunos”. (POLONIA E DESSEN, 2005, p. 03).

É papel da família acompanhar, de forma a organizar a vida escolar do seu filho, entretanto, muitos pais ainda tem uma visão de que o ambiente escolar prescinde de sua participação. Pensam que a escola tem uma receita pronta para ensinar a todos e que todos são iguais no ritmo e na aprendizagem, não entendendo que cada criança é única e possui necessidades diferenciadas e que é muito importante a participação da família de forma efetiva nesse processo.

Um momento que corrobora com a reflexão acima, foi quando no ambiente escolar, uma mãe cobrava e ao mesmo tempo informava a professora do seu filho - terceiro ano do ensino fundamental I – que estava sabendo de uma lei, que diz ser obrigatório, o aluno ser alfabetizado até os oito anos de idade, e ela queria saber o motivo do filho dela não saber ler ainda.

Nesse momento, percebemos a distância da família no entendimento de como ocorre à aprendizagem e o porquê de não ocorrer. Como se a lei determinasse e fosse possível penetrar no cognitivo, no emocional da criança e obrigar que ele aprenda a ler, ou que quando a lei entrasse em vigor e tudo que estava impedindo o aluno a aprender fosse resolvido.

Por esse comportamento, percebemos a falta que a relação família-escola faz no processo educacional com a não participação, deixando de acompanhar uma fase muito importante da vida de seus filhos. Não sabendo que é direito da família, entendida como comunidade participar de reuniões e conselhos, de lutar por uma escola pública de qualidade. Se não participa, não tem como entender como funciona a escola, o processo ensino-aprendizagem, ficando cada vez mais “alienados e oprimidos” como dizia Paulo Freire. Ainda citando Polonia e Dessen (2005, p. 07), as autoras apontam que “Para superar as descontinuidades entre os ambientes familiares e escolares, é necessário conhecer os tipos de envolvimento entre pais e escola e estabelecer estratégias que permitam a concretização de objetivos comuns”.

Dessa forma, torna-se imprescindível que a escola estabeleça estratégias que possibilitem essa relação, pois, as vezes acontece da escola já sabendo da dificuldade da aproximação família-escola do contexto educacional, acaba tomando decisões em momentos pontuais, sem consultar a comunidade de forma efetiva e significativa, apenas informando as decisões tomadas unilateralmente, passando a impressão de que a escola dispensa a participação da família.

Nesse perspectiva, as famílias continuam com a mesma percepção da educação de décadas atrás, não percebendo que houve uma mudança de paradigmas, de uma gestão autoritária para uma gestão democrática. A escola deseja a participação da comunidade de forma efetiva.

3ª PARTE: METODOLOGIA

2 - METODOLOGIA

O presente trabalho tem como objetivo geral investigar se a gestão de uma escola municipal possui estratégias que possam trazer a família para o espaço escolar e como objetivos específicos investigar se promove a inclusão de familiares no ambiente escolar e se positivo, como ocorre essa ação e discutir sobre as ações tomadas frente às ações realizadas pela instituição.

Em sua metodologia iremos utilizar o método qualitativo que segundo Bortoni e Ricardo citada por Wittke (2010 p.34) afirma que a pesquisa qualitativa “procura entender e interpretar fenômenos sociais inseridos em um contexto”

Sobre isso Godoy (1995, p. 58) nos diz que:

Quando o estudo é de caráter descritivo e o que se busca é o entendimento do fenômeno como um todo, na sua complexidade, é possível que uma análise qualitativa seja a mais indicada.

A autora afirma ainda que a:

Pesquisa qualitativa não procura enumerar e/ou medir os eventos estudados, nem emprega instrumental estatístico na análise dos dados”. A presente metodologia nos ajuda a refletir como realizar essa pesquisa, apontando que: “O ambiente e as pessoas nele inseridas devem ser olhados holisticamente: não são reduzidos a variáveis, mas observados como um todo.

Frente às explicações apontadas, observamos que a melhor metodologia é a qualitativa, pois melhor cabe ao propósito deste. Como instrumento escolhido, adotamos o questionário. O questionário, segundo Gil (1999, p.128), pode ser definido “como a técnica de investigação composta por um número mais ou menos elevado de questões apresentadas por escrito às pessoas, tendo por objetivo o conhecimento de opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas etc.”.

A pesquisa aconteceu mediante uma abordagem qualitativa, já que esta busca interpretar realidades sociais como as apresentadas neste e tem na interpretação subjetiva dos dados seu principal aporte de análise.

Dessa forma, o enfoque qualitativo é a que se aproxima com a nossa ideia por não objetivar dados quantificáveis mensuráveis e sim deixar que os participantes respondam podendo emitir sua opinião e não apenas um sim e não muitas vezes duvidosos, querendo expressar algo mais além de perguntas fechadas em si mesmas.

Para uma análise com mais qualidade, a análise documental se fez necessária. Sobre essa técnica, Ludke e André (1986, p. 01), nos diz que “esta técnica busca

identificar informações factuais nos documentos a partir de questões ou hipóteses de interesse”.

Nesse sentido foi realizada uma análise de um documento muito importante da escola que é o Projeto Político Pedagógico da Escola, onde foi possível perceber que a aproximação família-escola é um dos objetivos. Ludke e André (1986, p. 04), cita como documentos que podem ser analisados e em que situações são relevantes:

[...] podem ser citadas: as leis e regulamentos, normas, pareceres, cartas, memorandos, diários pessoais, autobiografias, jornais, revistas, arquivos escolares, circulares, etc., recomenda o seu uso quando o pesquisador se coloca frente a três situações básicas: quando o acesso aos dados é problemático; quando se pretende ratificar e validar informações obtidas por outras técnicas de coletas; e quando o interesse do pesquisador é estudar o problema a partir da própria expressão dos indivíduos

Dessa forma, realizar a análise documental – Projeto Político Pedagógico - foi importante, pois. nele está expresso que é um dos objetivos da escola promover a aproximação e a participação da família no contexto escolar.

3 – Apresentação, análise e discussão dos dados.

Ao analisar o Projeto Político Pedagógico da Escola, observa-se como problemas elencados quanto da elaboração do P.P.P. “falta de participação da família no processo educacional” e como um dos objetivos específicos da escola: “promover atividades que integrem de forma harmônica a escola, família e comunidade, partindo do princípio que todos são responsáveis pela educação e que a mesma não se dá apenas na instituição escolar; criar estratégias para que a família participe mais do processo ensino-aprendizagem; fortalecimento da relação família-escola; maior interação dos pais com a escola; mudança de hábitos. ”.

A escola se preocupa com o tema que foi pesquisado. Acredita que promove a aproximação da família. Entretanto, com as respostas que obtivemos dos participantes, de forma geral, essa participação que é uma relação muito sensível, ainda não acontece de forma significativa.

Como apresentado acima, coleta de dados foi realizada através de questionário com perguntas abertas e fechadas. Sendo que as questões fechadas serviram para dar conta dos dados sócio-demográficos. Para melhor organização dos dados dividimos os participantes em: monitores; secretário; servidor; professores; coordenadores e diretor. Para melhor visualização e leitura, a análise e a discussão, ora será apresentada em discussão e ora por tabelas e/ou gráficos.

Para as categorias (servidor, secretário, monitor, professores e coordenadores) as perguntas foram: Como o senhor (a) percebe a participação da família no contexto educacional? Na escola em que você trabalha, a família é convidada a participar das reuniões? Se sim, quais são essas reuniões? Em sua percepção, o que desmotiva a presença da família na escola?

Para o Diretor da escola, o instrumento foi diferenciado, relacionadas a gestão educacional especificamente como: O que o senhor (a) compreende por gestão educacional? O senhor (a) percebe a participação da família no contexto educacional como positiva? Em que sentido? O senhor (a) considera que a escola na qual trabalha possui estratégias para aproximar família e escola? Se sim, quais? Se não, justifique?

Os instrumentos da pesquisa foram aplicados cada dia para uma categoria de profissionais. Inicialmente foi planejado para todos os profissionais, mas 06 não responderam. No primeiro momento foi aplicado para o diretor e em seguida para os coordenadores, professores, monitores, secretários e servidores. No total de respondentes obtivemos 32 participações.

3.1.1 – Dos questionários do servidor (merendeiras, vigias e auxiliar de serviços gerais), secretário e monitor.

Dentro deste grupo participaram 03 categorias: servidor, secretário e monitor. Dos servidores inicialmente contávamos com dez participações, mas apenas 08 responderam ao instrumento de pesquisa: 02 merendeiras; 02 vigias e 04 auxiliares de serviços gerais. As merendeiras são do sexo feminino. Tem idade entre 35 e 40 anos. Sobre o nível socioeconômico, consideram como classe média baixa estando na faixa salarial de R\$ 1.091,00 até R\$ 1.635,00 e ambas são casadas. Quanto à escolaridade afirmam que possuem o ensino médio completo sendo que uma está cursando Pedagogia. Quanto aos vigias, estes são do sexo masculino; casados; ensino médio completo; faixa etária entre 30 e 34 anos e se consideram pertencentes à classe média baixa estando assim na faixa

salarial de R\$ 1.091,00 até R\$ 1.635,00. Por último temos os auxiliares de serviços gerais que são 04, mas apenas 02 participaram da pesquisa sendo ambos do sexo masculino; solteiros; estão na faixa etária entre 25 e 30 anos, se consideram pertencentes à classe desfavorecida com faixa salarial entre R\$ 678,00 até R\$ 1.090,00 e possuem o ensino médio completo.

Na categoria dos secretários, os participantes são do sexo feminino; faixa etária dos 23 a 34; uma solteira e uma casada; classe média estando na faixa salarial de R\$ 1.636,00 até R\$ 2.725,00 sendo que uma cursa graduação em química e a outra em pedagogia.

Quanto aos monitores, inicialmente foi previsto a participação de 04, mas apenas 02 responderam ao questionário. A faixa etária dos participantes está entre 28 e 34 anos, sexo masculino e feminino, solteiro e casado, considera classe média baixa com faixa salarial de R\$ 1.091,00 até R\$ 1.635,00 e ambos com nível médio completo.

A primeira questão apresentada foi: Como o senhor (a) percebe a participação da família no contexto escolar?

FREQUENCIA	RESPOSTA
08	Através dos Projetos; nas reuniões e Datas Comemorativas; Muito importante; Poucos pais participam.
01	É possível observar que as famílias tem se ocupado muito buscando o sustento para os filhos, deixando a educação somente para a escola
01	A Educação é dever majoritário da família. A escola entra como coadjuvante. Em nosso contexto social, os pais pensam exatamente o contrário,
06	Não respondeu

Tabela elaborada por Nilza Seabra de Souza

Na categoria dos servidores (merendeiras, vigias e serviços gerais), alguns entenderam como, em que momento percebe e outros compreenderam qual a visão deles sobre a participação da família no contexto educacional. Observaram a participação da família nos momentos de reuniões, datas comemorativas e culminância dos projetos realizados na escola. Eles observam esses eventos em razão da escola de fato promover com bastante assiduidade.

A cada dois meses a escola realiza culminância dos projetos que fazem parte das situações de ensino-aprendizagem. Durante um bimestre, a escola trabalha as datas

comemorativas do calendário escolar, articulando-as com o conteúdo curricular e escolhe um dia e realiza a culminância, onde os alunos fazem apresentações variadas: danças; musicais; jogral; poesias e outros. Os servidores ajudam a preparar a escola para as festas como dia das mães, dos pais, das crianças e natal. A escola realiza um delicioso café da manhã ou um lanche festivo e nesse momento, esses profissionais ajudam a organizar e lidam mais diretamente com as famílias e crianças. Observam a participação da família nesses momentos de forma expressiva, por esse motivo tem-se a impressão da participação efetiva da família.

Já os secretários, percebem essa participação de uma maneira diferente, pelo fato deles trabalharem mais diretamente com alunos, pais e/ou responsáveis, com assuntos referentes a transferências, matrícula ou ocorrências como advertências e/ou suspensões.

Outro motivo, seria o fato da secretaria dividir espaço com a diretoria (falta de espaço) e provavelmente, esses profissionais presenciam conversas entre coordenador, gestor, pais e/ou responsáveis e com isso, sempre surge conversas e comentários sobre a falta de uma participação mais efetiva da família no contexto educacional, sobretudo quando essas ocorrências, reforçam que alunos indisciplinados, recebem mais advertências e as famílias são mais solicitadas no ambiente escolar e muitas vezes não comparecem, revelando assim um desinteresse ou por falta de tempo, devido ao trabalho.

A fala de uma participante nos diz que “É possível observar que as famílias tem se ocupado muito buscando o sustento para os filhos, deixando a educação somente para a escola”. Já outra fala nos diz: “Educação é dever majoritário da família. A escola entra como coadjuvante. Em nosso contexto social, os pais pensam exatamente o contrário”.

Essa percepção nos leva a refletir que, uma fala entende a dificuldade dos pais em trabalhar para garantir o sustento da família e deixa a educação para a escola e a outra é mais enfática dizendo que os pais pensam que, a escola é quem tem o dever de educar e a família entra com o complemento. Frente a essa questão as autoras Castro e Regattieri (2009, p. 14) ressaltam que:

Se, por um lado, não podemos desconsiderar a influência da situação socioeconômica, da violência, das mudanças de costumes sobre o comportamento e desempenho dos alunos, por outro, não podemos admitir que a escola se transforme numa agência de assistência social e negligencie sua função específica de zelar pela aprendizagem escola.

Nessa perspectiva, enquanto educadores e profissionais da educação gostariam que realmente cada instância se preocupasse apenas com a sua função, mas, também enquanto tal precisa ter em mente que, da forma como a educação foi tratada em nosso

país, temos um número considerável de pessoas que percebe a escola ainda como assistencialista e por isso confunde os papéis e esse processo não será rompida de forma brusca e sim com um trabalho de mudanças de percepção, que leve a família a entender a sua função e que função é essa, pois muitas vezes a família entende que é participativa sim, mas a escola não percebe essa participação de forma significativa.

Quanto aos monitores, estes afirmam que percebem pouca a participação da família e percebem também essa aproximação como muito importante.

Todos os envolvidos no contexto educacional sabem que a família deve ser participativa. A escola deve fazer uma análise mais profunda sobre essa participação e ajudar as famílias a entenderem que eles possuem direito estabelecidos em lei de participar, de questionar, de atuar para que a escola caminhe sempre para uma escola pública de qualidade, sendo de fato democrática.

Muitas vezes é exigido da família um envolvimento que vai além de suas condições e a escola deve salientar através das reuniões, como os pais podem participar da vida escolar dos seus filhos.

Castro e Regattieri (2009, p. 14) ressaltam que:

[...] como não é produtivo exigir que um aluno com dificuldades de aprendizagem cumpra o mesmo plano de trabalho escolar dos que não têm dificuldades, não se deve exigir das famílias mais vulneráveis aquilo que elas não têm para dar.

Dessa forma, torna-se necessário que a escola conheça sua comunidade e tentar de fato envolvê-la para que mudem seu olhar sobre a educação e a participação da família de forma efetiva, crítica e reflexiva.

A segunda questão foi: Na escola em que você trabalha, a família é convidada a participar das reuniões? Se sim, quais são essas reuniões?

FREQUÊNCIA	RESPOSTA
10	Sim. Reuniões – Projetos – Datas comemorativas
06	Não respondeu

Tabela elaborada por Nilza Seabra de Souza

Novamente temos os eventos – datas comemorativas- projetos e reuniões como momentos onde a família é convidada a participar. Todos percebem que a escola convida

a família para participar e que promove eventos como às reuniões, as festas do calendário escolar – datas comemorativas e eventos como Culminância dos projetos. Frente a essas respostas, Castro e Regattieri (2009, p.38) esclarecem que:

[...] é importante fazer uma diferenciação entre participação familiar nos espaços escolares e participação na vida escolar dos filhos – o que também nem sempre depende da presença dos responsáveis no estabelecimento de ensino.

A escola, ao ter essa iniciativa de realizar além das reuniões que tem caráter pedagógico, outros momentos como os citados acima, como uma estratégia para trazer a comunidade para dentro do espaço escolar, podendo ser também o início para um diálogo, conhecer a escola, mas também pode acontecer de pais que não sejam assíduos nesses momentos, acompanharem o processo-ensino aprendizagem de seus filhos de forma significativa, e outros que nesses momentos festivos estejam sempre presentes e deixem a desejar quando o assunto é a participação significativa no processo ensino-aprendizagem..

Quanto a terceira e última questão foi: Em sua percepção, o que desmotiva a presença da família na escola?

FREQUÊNCIA	RESPOSTA
09	Falta de tempo dos responsáveis que trabalham fora; reclamações; horário não compatível; má gestão; desestrutura familiar.
01	Quando os pais não entendem que a participação deles na educação dos filhos é um dever.
06	Não respondeu

Tabela elaborada por Nilza Seabra de Souza

Observamos que, o que desmotiva a família a participar, é o mesmo que tem sido evidenciado por outros participantes: falta de tempo dos responsáveis; reclamações; horários não compatíveis; desestrutura familiar. As respostas apresentadas na percepção dessa categoria de participantes se referem a fatores extraescolares, ou seja, não se referem a problemas intrínsecos a escola como por exemplo dificuldades para ajudar seus filhos nas tarefas de casa; pouca ou nenhuma educação formal e outros.

Talvez pelo fato de não trabalharem diretamente com os alunos e com a prática pedagógica e/ou também participarem pouco da vida escolar de seus filhos por esses mesmos motivos, apontaram questões extraescolar.

Sobre um dos motivos da não participação - desestrutura familiar - o enfoque recai sobre as novas configurações familiares que muitas vezes são apontadas como reflexo da falta de participação da família no contexto educacional de forma significativa. Talvez haja uma ideia equivocada, ou até mesmo preconceituosa, de que famílias onde é formado por pai, mãe e filhos como era tradicionalmente, há um envolvimento e comprometimento maior, e em outros tipos de formação, são percebidas como menos participativas, ou até mesmo omissas e que isso prejudica a participação de forma significativa. As autoras Castro e Regattieri (2009, p. 26) ressaltam que:

Dessa forma, não tem sentido fazer referência a essas diferentes configurações como “famílias desestruturadas”, uma vez que na verdade elas configuram novas estruturas e não a falta de estrutura. Isso não significa dizer que não existam famílias negligentes ou omissas, nem implica em negar a situação de vulnerabilidade de muitas – mas é preciso discernir entre o que realmente traz problemas para as crianças e o que é apenas sinal de novos tempos.

Dessa forma, existem contextos familiares que enfrentam dificuldades, mas não podemos generalizar como desestrutura familiar a falta de participação familiar. Muitas vezes o que ocorre é quando por determinadas situações, a família tenha que se reorganizar ou se adaptar com as mudanças e obviamente refletem na educação dos filhos, netos. Somos seres históricos, sociais, políticos, econômicos, afetivos e mudanças interferem significativamente na vida de todas as pessoas sejam adultos ou crianças.

3.1.2 – Dos questionários dos professores

Na categoria dos professores, contamos com a participação de 12 profissionais. Todos os professores são do sexo feminino, idade entre 29 e 42 anos. Quanto à classe econômica, 08 declararam pertencer à classe média baixa pertencente à faixa salarial de R\$ 1.091,00 até R\$ 1.635,00 e 04 classe média na faixa de R\$ 1.636,00 até R\$ 2.725,00. Quanto à escolarização, todas possuem graduação em Pedagogia sendo que uma está cursando pós-graduação em Pedagogia Hospitalar. Das que possuem especialização, que são 03 profissionais, uma é especialista em Gestão e Orientação Educacional e duas em Psicopedagogia.

A primeira questão levantada para análise foi: Como o senhor (a) percebe a participação da família no contexto educacional?

Cada profissional apresentou uma justificativa, mas todos foram enfáticos ao responder que: Somente quando solicitada; pouco participativa; mínima; os pais estão ausentes no processo educacional.

No ambiente escolar, o responsável direto pela aprendizagem dos alunos é o professor; um adulto que também passou por um processo de formação para alcançar a condição de profissional da educação. Talvez eles tenham essa percepção por serem os responsáveis pelo processo de aprendizagem e sentem à falta que a participação da família faz nesse contexto. A família é uma instância educativa primeira. Quando um aluno tem em casa apoio e ajuda para organizar seu material, vir alimentado, a família procura não desestruturá-lo emocionalmente, pois enquanto educadores, sabemos que o ser humano não é apenas um ser cognitivo; ele é também afetivo, social, emocional e o que acontece no interior de seu lar, reflete em seu aprendizado. Então quando a família entende e cria mecanismo para que ele tenha equilíbrio, isso já é um diferencial. Nesse sentido Lahire (2011, p. 09) enfatiza que:

O aluno que vive em um universo doméstico material e temporalmente ordenado adquire, portanto, sem o perceber, métodos de organização, estruturas cognitivas ordenadas e predispostas a funcionar como estruturas de ordenação do mundo.

Nesse sentido, quando a criança tem essa organização no universo doméstico, ela tende a perceber essa organização de forma natural. A grande maioria das famílias, neste contexto em que estamos pesquisando, sofre por falta de informação em especial sobre essa questão da organização familiar. Dessa forma, é importante que a família crie rotinas para essa criança, no sentido de estabelecer horários para as atividades escolares. Provavelmente, se a família for responsável frente aos aspectos citados, a parte pedagógica certamente será beneficiada.

As famílias atualmente devido às novas constituições (mães que são chefes de família; pais que criam filhos sozinhos), a maioria saem para trabalhar muitas vezes longe de casa, e quando chega a casa se justifica sem tempo para acompanhar o aluno e não compreende que a escola é uma instância educativa que não pode prescindir do compromisso dos pais em complementar esse processo.

Sobre esse aspecto Castro e Regattieri (2009, p.32) nos dizem que “em um contexto de pais pouco escolarizados, com jornadas de trabalho extensas e com pouco tempo para acompanhar a vida escolar dos filhos, essa divisão pode mostrar-se ineficaz”.

O que percebemos é uma entrega dos filhos a instância educativa e quando o resultado não é significativo, os pais cobram da escola. A escola quando não percebe o acompanhamento e a dedicação dos pais, acaba por colocar a culpa do fracasso escolar do aluno, nessa falta de participação e comprometimento.

Costa (2011, p. 08) aborda que: “a constituição do sujeito se dá no mundo das relações sociais e seus grupos sociais próximos são a escola e a família, cuja influência é determinante no fracasso ou no sucesso escolar”.

Dessa forma, os professores não percebem a participação familiar ou julgam como mínima. Muitos pais só comparecem na escola quando solicitados e quando são chamados é porque a situação está insustentável e então acaba corroborando com a percepção que muitos pais têm que a escola só convida-o para fazer reclamações.

Polonia e Dessen (2005, p.02) salientam que ‘quando a família e a escola mantêm boas relações, as condições para um melhor aprendizado e desenvolvimento da criança podem ser maximizadas’.

Nesse sentido, a visão das autoras nos leva a refletir sobre essa aproximação para que o desenvolvimento do aluno aconteça e que seja significativo para o processo ensino-aprendizagem e que a escola também identifique as dificuldades que as famílias possuem em participar. Dessa forma é possível estabelecer estratégias de ajuda, pois não é fácil participar do processo ensino-aprendizagem quando também não fomos educados para isso. Sobre isso Castro e Regattieri (2009, p. 32) reforçam que:

Por isso, da mesma forma como procura diagnosticar as dificuldades pedagógicas dos alunos para atendê-los de acordo com suas necessidades individuais, a escola deve identificar as condições de cada família, para então negociar, de acordo com seus limites e possibilidades, a melhor forma de ação conjunta.

Dessa forma, é importantíssimo que família e escola se entendam e se ajudem nesse processo que é formar cidadãos críticos e reflexivos para uma sociedade em constante transformação.

Perguntamos então na segunda questão: Na escola em que você trabalha, a família é convidada a participar das reuniões? Se sim, quais são essas reuniões?

Todos os participantes responderam que sim e que a família é convidada a participar das reuniões e outros momentos como: eventos realizados na escola; datas comemorativas e culminância de projetos que são realizados na escola.

Como citado anteriormente à escola transforma as datas comemorativas que acontecem nos bimestres em projetos articulados com os conteúdos. Ao final de cada

bimestre, os professores organizam apresentações e a escola faz um evento onde convida a comunidade para participar, assistindo as apresentações.

Diante dessas respostas, Castro e Regattieri (2009 pg. 38) salientam que: “Uma escola que promove muitos e concorridos eventos pode estar se comportando mais como um centro cultural/social e perdendo de vista o que lhe é específico, isto é, garantir uma educação escolar de qualidade”.

Percebe-se que os professores apontam que a escola possui estratégias para trazer a família para o contexto escolar, mas o que fica evidente é que essas estratégias são marcadas mais pelo gênero festivo (datas comemorativas e culminância de projetos) que é o momento onde há muita interação. Mas o resultado significativo para o processo ensino-aprendizado, ou seja, a participação pedagógica é apontada como algo que está distante do desejado.

A terceira e última questão apresentada foi: Em sua percepção, o que desmotiva a presença da família na escola?

FREQUÊNCIA	RESPOSTA
11	Falta de comprometimento, reuniões muito demoradas, assuntos tratados que não interessam a todos; falta de interesse; não sabem como participar; distancia por não saber seu papel; reclamações; escola centralizadora.
01	Presentes na medida do possível.

Tabela elaborada por Nilza Seabra de Souza

Percebemos que há um desabafo por parte dos professores que percebem a falta de participação dos pais e responsáveis como: falta de comprometimento; falta de interesse; reclamações; escola centralizadora. A falta de participação na visão desses participantes, está ligada a fatores intraescolares. Apenas um participante apontou que os pais são presentes na medida do possível.

Castro e Regattieri (2009 pg. 38) nos diz que: “Fica cada vez mais difícil entender os problemas educacionais apontando apenas para as dificuldades originadas fora da escola ou somente pelos processos internos a ela”.

Nesse sentido, os professores lidam diretamente com os alunos e as situações de ensino-aprendizagem, percebemos que há um desânimo em relação a participação da família no contexto educacional. Um aspecto que a maioria dos participantes evidenciou foi: reuniões muito demoradas; assuntos tratados que não interessam a todos; falta de interesse. Revela-se que o que seria um momento para uma maior interação entre escola

e família, há problemas que impedem os pais e responsáveis de se aproximar da escola nesse momento.

Nesse sentido Castro e Regattieri (2009, p. 39) nos fazem refletir se o momento está sendo decidido em um diálogo horizontal ou verticalizado.

A reunião poder ser marcada no horário de conveniência da escola sem consultar a disponibilidade dos responsáveis, ter como conteúdo mensagens que a escola quer passar aos familiares, independentemente de qualquer tipo de demanda destes, e a dinâmica pode ser os profissionais da educação falarem e os familiares escutarem.

Entretanto, esses aspectos que dificultam uma maior participação da família no contexto educacional, poderão ser minimizados com diálogo pautado na escolha por horários que sejam aceitos por um maior número de pessoas e colocar em pauta o que será discutido na tentativa de melhorar e sanar essas dificuldades.

3.1.3 – Dos questionários dos coordenadores

Na categoria de coordenadores são 03 os sujeitos envolvidos. 01 do sexo masculino e 02 do sexo feminino. 01 é solteiro e 02 casados. Faixa etária entre 20 e 40 anos. 01 se considera classe média baixa com renda de R\$ 1.636,00 até R\$ 2.725,00 e os outros 02 pertencentes à classe média com renda de R\$ 2.726,00 até R\$ 5.450,00. Todos são graduados em pedagogia sendo que 02 possuem pós-graduação em psicopedagogia e um em orientação educacional.

Para esta categoria também foi questionado: Como o senhor (a) percebe a participação da família no contexto escolar?

Assim como os professores, os coordenadores foram unânimes ao informar que a participação é mínima e que muitas vezes não participam.

A escola está inserida em uma comunidade carente e os coordenadores trabalham nessa comunidade há muitos anos. Conhecem os alunos e suas famílias, bem como os problemas e as dificuldades enfrentadas pela escola com relação ao processo ensino aprendizagem e o relacionamento entre escola e família.

Os coordenadores, além de apoiar os professores na parte pedagógica, por conhecer a comunidade são atuantes no apoio às famílias em vários momentos, fazendo um trabalho social junto à comunidade. Talvez, devido a essa relação próxima foram unânimes em suas respostas. Percebem que as famílias não estão participando de forma

significativa. Mas, estudiosos do tema afirmam que essas relações se intensificaram nos últimos tempos. Conforme o documento organizado por Castro e Regattieri (2009, p. 26) elas salientam que:

Estudiosos do tema atestam que hoje a escola e a família intensificaram como nunca suas relações. A presença e a participação dos responsáveis nas atividades escolares são cotidianas e acontecem além das instâncias formais. A relação entre responsáveis e profissionais da educação é cada vez mais individualizada, em favor não apenas do desenvolvimento intelectual da criança, mas de seu bem-estar emocional.

A segunda questão versava: Na escola em que você trabalha, a família é convidada a participar das reuniões? Se sim, quais são essas reuniões?

Novamente, os participantes, assim como os professores informam que a família é convidada a participar em diversos momentos e são elencados as reuniões bimestrais, culminância de projetos e em datas comemorativas. Esses momentos são colocados por todos os participantes de forma unânime e isso evidencia que a escola possui estratégias para trazer a família para o contexto escolar. Além das reuniões, que seria a de gênero pedagógico onde os interesses são pautados no processo ensino - aprendizagem intrínseca a dinâmica educacional, a escola também explora as datas comemorativas e a culminância dos projetos para convidar a comunidade para os momentos festivos em que ela possa apreciar apresentação de seus filhos e perceber, nesses eventos, que ela é bem vinda a todo o momento nesse espaço.

Terceira e última pergunta foi: Em sua percepção, o que desmotiva a presença da família na escola?

Mais uma vez todos responderam da mesma forma apontando que o que faz com que não ocorra a presença da família na escola é devido ao desinteresse, desconhecimento e analfabetismo.

Percebemos que esta categoria (coordenadores) também apontou fatores extraescolares como o que desmotiva a presença da família na escola. Sobre isso Dalbério (2009, p.86) ressalta que:

Sabemos que comumente, a comunidade tem apresentado tímida participação na escola, não compartilhando com sua vida, nem comungando com seus problemas, nem mesmo interferindo com sugestões, cobranças ou ações em prol da sua melhoria. [...] porque desconhecem as questões educacionais, teóricas e pedagógicas, e mesmo não apresentam devida clareza sobre o seu papel de cidadão[...]

Muitos pais e familiares pensam que a escola é quem detém o conhecimento formal e técnico e então não cabe a eles opinar, questionar e às vezes não sabem como perguntar e muitas vezes são confundidos como desinteressados. Há ainda a questão do analfabetismo.

Entendemos que em nosso país, devido à maneira como fomos colonizados, temos um histórico de desigualdade sociais e culturais que se transformaram em desigualdades escolares. A educação formal era privilégio de alguns - elitista - e a grande maioria não teve acesso a ela em muitos momentos de nossa história e isso resultou em um número grande de pessoas analfabetas e esse é um dos fatores que reflete atualmente na vida de muitas pessoas, que influencia diretamente na vida escolar dos filhos. Por esse motivo, a escola tem que repensar quando o assunto é pouca participação ou nenhuma no contexto educacional. Sobre isso Castro e Regattieri (2009, p. 26) elas salientam que:

[...] considera-se que o ensino é uma atribuição prioritariamente da escola. Esta, porém, divide essa responsabilidade com as famílias, quando prescreve tarefas para casa e espera que os pais as acompanhem. Em um contexto de pais pouco escolarizados, com jornadas de trabalho extensas e com pouco tempo para acompanhar a vida escolar dos filhos, essa divisão pode mostrar-se ineficaz.

Nesse sentido, talvez a escola esteja almejando uma participação efetiva de familiares que tem dificuldades em participar da vida escolar do filho, não apenas por desinteresse, mas por desconhecimento do processo ensino-aprendizagem e dificuldades a leitura e escrita. Outro autor que nos leva a refletir sobre essa questão é Costa (2011, p. 8) ressalta:

Considerando-se a relação de influência recíproca, escola/família, nos resultados escolares de alunos oriundos de camadas populares e com baixa escolaridade é relevante enfatizar aspectos da socialização da criança em seu contexto familiar que produzem impactos diretos nos desempenhos escolares das crianças, a saber: as formas familiares de cultura escrita, as condições e disposições econômicas, a ordem moral doméstica, as formas de autoridade familiar e as formas familiares de investimento pedagógico.

Contudo, devemos repensar quando queremos um maior comprometimento das famílias em situações onde os pais não possuem uma escolarização relevante e muitas vezes não participa porque não tem discernimento e às vezes confunde com desinteresse. Frente a essa reflexão, cabe um maior discernimento entre os sujeitos envolvidos no processo educativo visto que tal questão é muito delicada.

3.1.4 – Do questionário do diretor

A direção escolar é gerida por uma diretora que têm 41 anos, casada, classe média com renda salarial de R\$ 2.726,00 até R\$ 5.450,00, graduada em Pedagogia com pós-graduação em Psicopedagogia e trabalha a 18 anos no município e como gestora há 08 anos.

A primeira questão foi: O que o senhor (a) compreende por gestão educacional? Segundo a participante sua compreensão sobre gestão:

Gestão educacional pode ser entendido como se administra uma instituição escolar em todos os seus aspectos: pedagógicos, administrativos e financeiros como também a maneira de gerir e dentro dessa gestão procurando promover a participação de todos os envolvidos no processo educacional

A participante fez um breve resumo sobre o conceito de gestão, se referindo à administração como um todo no processo, onde não se pode privilegiar um aspecto em detrimento do outro, pois todos são relevantes dentro do processo educacional.

A participante considera também que dentro da gestão é necessário promover a participação de todos e realmente essa é uma parte muito importante, pois já vivenciamos em nossas instituições modelos autoritários, centralizadores e isso atualmente está sendo superado, pois na contemporaneidade, não podemos mais ter uma administração verticalizada e sim uma administração ou gestão que dê conta dos processos administrativos, financeiros, pedagógicos, mas também que tenha um novo olhar em relação a uma gestão participativa e democrática, pois a nossa sociedade está em constante evolução e isso faz com que o gestor seja uma pessoa que valorize o diálogo em todas as suas formas. Sobre isso, Luck (1997, p. 04) ressalta que:

Como resultado, a ótica da gestão não prescinde nem elimina a ótica da administração educacional. Apenas a supera, dando a esta um novo significado, mais abrangente e de caráter potencialmente transformador. Daí porque ações propriamente administrativas continuarem a fazer parte do trabalho dos dirigentes de organizações de ensino, como, controle de recursos, de tempo, etc.

Dessa forma, compreendemos que o gestor tem um papel fundamental, pois se ele é uma pessoa que entende que o ser humano possui várias dimensões (histórico, sociais, culturais, políticos ,cognitivos, afetivos), ele sabe que o sucesso de sua gestão não pode dispensar a participação de todos no processo ensino aprendizagem, pois muitas vezes

não conseguimos dar conta de tantas variáveis e então é nesse momento que o gestor dentro da visão da gestão democrática, da participação de todos, consegue exercer esse papel de forma significativa. Valerien (1993, p. 15)

Conforme afirmado em trabalho conjunto entre UNESCO e MEC, o diretor é cada vez mais obrigado a levar em consideração a evolução da ideia de democracia, que conduz o conjunto de professores, e mesmo os agentes locais, à maior participação, à maior implicação nas tomadas de decisão.

A segunda questão traz como abordagem: O senhor (a) percebe a participação da família no contexto educacional como positiva? Em que sentido? A diretora acredita que:

A família como base de toda a sociedade e sendo os primeiros agentes da educação, tem um papel fundamental no contexto educacional. Percebo que quando a família se faz presente na vida escolar do aluno, o rendimento do mesmo é muito maior. Hoje, porém, existe uma grande dificuldade por parte dos pais que trabalham comparecer na escola”

Percebemos que a gestora compreende que a família é a base de toda a sociedade e os primeiros educadores. Nesse sentido, desde que nascemos já estamos inseridos em situações de ensino-aprendizagem. Aprendemos com nossos pais e irmãos e outros membros familiares em várias situações. Às vezes, não percebemos que aprendemos e ensinamos. Muitos pais pensam que o aprendizado sério é o que se aprende dentro dos muros da escola, mas esquecem que eles são os primeiros professores e, além disso, são exemplos para seus filhos. Sobre o papel da família, Polonia e Dessen (2005, pg. 02) salientam que:

“Um dos seus papéis principais é a socialização da criança, isto é, sua inclusão no mundo cultural mediante o ensino da língua materna, dos símbolos e regras de convivência em grupo, englobando a educação geral e parte da formal, em colaboração com a escola”.

Quando a criança chega à escola, ela já traz muitos conhecimentos ao qual chamamos de conhecimentos prévios e esses conhecimentos são fundamentais para que a criança, ao deparar-se com os novos conhecimentos, possa ressignificar, problematizar e expressar um novo conhecimento. Brandão (2007, p. 19) nos traz reflexões sobre esse processo ensino-aprendizagem em momentos não formais.

As meninas aprendem com as companheiras de idade, com as mães, as avós, as irmãs mais velhas [...]. Os meninos aprendem os jogos e brincadeiras de seus grupos de idade, aprendem com os pais, os irmãos da mãe, os avós [...] Elas existem misturadas com a vida em momentos de trabalho, de lazer, de camaradagem ou de amor.

A resposta da participante vai de encontro com a percepção dos autores onde apontam que no ambiente familiar vivenciamos e experiências situações de ensino aprendizagem a todo instante e que a família e escola são duas instituições que podem promover situações de ensino-aprendizagem, cada uma exercendo o seu papel de maneira muito responsável para que o objetivo da educação seja alcançado.

Na última questão perguntada se: O senhor (a) considera que a escola na qual trabalha possui estratégias para aproximar família e escola? Se sim, quais? Se não, justifique. Foi demonstrado claramente que a diretora acredita que sim, como segue abaixo a fala:

Sim. Procuramos convidar os familiares a participar das reuniões bimestrais e principalmente dos eventos: Festa da família na escola; Dia das mães; dia da mulher; Festa cultural; Festa da primavera; Ação de graças e outras. Sempre buscando a valorização da família e de sua cultura e também resgatando valores que muitos já se perderam.

A participante considera que sim, pois usa de estratégias para trazer a família para o espaço escolar. Cita as reuniões bimestrais e enfatiza os eventos que realiza com o objetivo de valorizar a família, valores e cultura e no resgate desses, que muitos já se perderam.

Observamos que a escola, através das reuniões e eventos faz um chamamento as famílias. Observamos que a ênfase maior está nas festividades que é uma maneira mais acolhedora e momentos mais leves, onde a família se sente bem para participar e talvez deixando um pouco de lado o pedagógico.

Nesse sentido, ocorre a valorização dos eventos, pois talvez perceba que é através dele que as famílias aprendem a gostar desse espaço e com isso abrir um caminho para o diálogo envolvendo as questões pedagógicas.

A fala da diretora pontua também que: “Percebo que quando a família se faz presente na vida escolar do aluno, o rendimento do mesmo é muito maior”. A fala vai de encontro das reflexões de Polonia e Dessen (2005, p. 03) que ressaltam que “os benefícios de uma boa integração entre a família e a escola relacionam-se a possíveis transformações evolutivas nos níveis cognitivos, afetivos, sociais e de personalidade dos alunos”.

Quando o aluno sente que a família valoriza e sabe da sua responsabilidade em participar do contexto educacional, nos processos ensino-aprendizagem, o aluno sente seguro e com isso seu rendimento realmente é maior em relação aos que não são acompanhados de forma significativa no contexto educacional.

Ela ainda comenta também que: “Hoje, porém, existe uma grande dificuldade por parte dos pais que trabalham comparecer na escola.”

Sua fala nos revela as transformações que nossa sociedade vem passando. Atualmente tivemos uma mudança no que chamamos de família. Hoje muitas famílias são constituídas por mãe e filhos, pai e filho, avós que criam netos e outros arranjos.

Encontramos em Valadão; Santos (apud Sousa; José Filho, 2008, p. 3), a seguinte reflexão sobre a responsabilidade da família e sobre sua formação: “Independentemente de como a família é constituída, esta é uma instituição fundamental da sociedade, pois é nela que se espera que ocorra o processo de socialização primária, onde ocorrerá a formação de valores[...]”.

Com essa nova formação, muitas vezes os chefe da família não consegue participar por falta de tempo, horários que não são compatíveis, trabalho longe de casa e da escola. Dessa forma, a falta de participação dos pais é preocupante e cabe a escola criar estratégias para tentar minimizar essa falta.

Diante das respostas acima, percebemos que a Diretora considera gestão educacional como a maneira de administrar uma instituição de forma articular os processos administrativos, pedagógicos e financeiros, considera a família como primeiros agentes da educação e de sua importância no contexto educacional, mas enfatiza que devido a trabalho por parte dos responsáveis há dificuldade dos mesmos serem mais presentes no ambiente escolar. Considera que a escola possui estratégias para aproximar família e escola, pois a escola além das reuniões bimestrais que podemos perceber como participação pedagógica, enfatiza também os eventos festivos que podem ser vistos como datas comemorativas como principal estratégia para essa aproximação.

CONCLUSÕES E CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho propôs a pesquisar sobre a participação da família no processo educacional em uma escola Municipal e saber se é possível essa participação. Teve como objetivo geral investigar se a gestão de uma escola municipal possui estratégias que possam trazer a família para o espaço escolar e como objetivos específicos investigar se promove a inclusão de familiares no ambiente escolar e se positivo, como ocorre essa ação e discutir sobre as ações tomadas frente às ações realizadas pela instituição.

No estudo ficou evidenciado que é possível sim a participação da família no processo educacional e que a escola possui estratégias (reuniões bimestrais e eventos como: festas nas culminâncias dos projetos e datas comemorativas), para trazer a família para o espaço escolar. Apesar da escola valorizar os eventos como estratégias para aproximação da família-escola, esses eventos podem ser entendido como algo eventual e descontínuo para essa aproximação. Porém, comemorar as datas comemorativas, já se tornou uma cultura da escola e são abordados no P.P.P., como meios para aproximação da família com o contexto educacional.

Após a pesquisa e coleta de dados, foi evidenciado que os profissionais envolvidos no processo educacional ressaltaram que as famílias participam pouco do processo educacional/acadêmico, mesmo com a escola usando estratégias como: reuniões e eventos como: festas (nas culminâncias dos projetos e datas comemorativas) onde nesses momentos – eventos - a participação é mais expressiva.

Acreditamos, que cabe analisar se a escola não estaria supervalorizando os gêneros festivos sobrepondo ao pedagógico, ao perceber que nos momentos festivos as famílias são mais participativas e então há a sensação da participação efetiva no contexto educacional. Entretanto, após a coleta de dados, os profissionais ressaltaram que a participação que eles gostariam que acontecesse, a pedagógica, não acontece de forma significativa.

Nesse sentido, ao tentar essa aproximação família-escola nos momentos festivos, a escola está enfatizando a dimensão social e cultural da escola. Nas palavras de Castro e Regattieri (2009 p. 38) “uma escola que promove muitos e concorridos eventos pode estar se comportando mais como um centro cultural/social e perdendo de vista o que lhe é específico, isto é, garantir uma educação escolar de qualidade”.

Com as referências bibliográficas aqui contidas, observamos que muitos defendem que a escola e família necessitam caminhar juntas para obterem êxito sim,

mas muitas vezes é esperado da família, respostas que para muitas, não estão ao seu alcance, como por exemplo, o acompanhamento pedagógico.

Para muitas famílias, colaborar com o processo ensino-aprendizagem, pode ser simplesmente enviar seus filhos a escola todos os dias, zelando para que chegue no horário e que sejam disciplinados. Enquanto para os professores, essa colaboração vai mais além, como: observar e organizar o material escolar; organizar o material de acordo com o horário; ajudar na realização das tarefas de casa; orientar e promover o acesso à cultura.

Contudo, temos que ter em mente que os alunos são muitas vezes provenientes de comunidades carentes, onde os pais e/ou responsáveis não são alfabetizados, ou não tiveram contato com a educação formal de forma relevante para que possa ter consciência que a participação que se espera deles, vai além do que eles comumente pensam e fazem.

Dessa forma, a escola precisa refletir sobre esses aspectos e rever a sua estratégia de aproximação com as famílias – eventos – como um meio de favorecer também o acadêmico de forma que nas datas comemorativas do calendário escolar, fossem inseridos e contemplados projetos que aproveitassem a presença da família no momento e despertasse o desejo de participar.

Como exemplo dessa articulação, festivo e acadêmico, poderia ser analisado um projeto do curso de Pedagogia que foi realizado da seguinte forma. Um projeto chamado de feira de alfabetização e letramento, onde cada equipe ficou responsável por fazer um projeto específico para cada nível escolar: um jogo; soletrando; palavras cruzadas gigantes; barraca com livros de diversos gêneros: trava-línguas; parlendas; narrativas de ficção; poesia; poemas e contação de história. Os eventos atenderiam o gênero festivo e o pedagógico.

Outra consideração a ser feita, seria a escola conhecer mais profundamente a sua comunidade no sentido de trabalhar a prática pedagógica, voltada para o aluno real e não ideal como muitos desejam. Conhecer o contexto histórico-social da comunidade de forma que possa haver diálogo e escuta sensível, entendendo que a educação é um dos caminhos para a mobilidade social, favorecendo o acesso aos bens culturais e materiais, bem como a formação cidadã.

3ª PARTE: PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS

MINHAS PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS

Sou professora do município de Águas Lindas de Goiás. Atuo na Educação Infantil – Etapa II – cinco anos. Comecei a atuar nesse ano, e confesso estou apaixonada por essa etapa. Por esse motivo, quando acabar o curso de pedagogia, pretendo fazer alguns cursos de formação continuada para melhorar a minha prática pedagógica com os pequenos.

Nessa fase é necessário que o professor trabalhe de forma lúdica – contar histórias, jogos, brincadeiras, teatrinhos, de forma que favoreça o processo-ensino aprendizagem. Como eu fui para a sala de aula apenas com muito amor e teoria (meio caminho andado), sinto que é necessário fazer esses cursos que possibilitem aprender e ensinar nesse modelo.

A educação infantil é uma das fases que, em minha percepção, é à base de toda vida escolar e o professor e toda a equipe pedagógica precisa preocupar-se em preparar o profissional para não comprometer o processo ensino-aprendizagem. Essa seria minha prioridade inicial.

A segunda prioridade seria fazer com que as famílias participem mais do processo ensino-aprendizagem de seus filhos. Observando a turma em que trabalho percebo que a família não participa muito da vida do educando, por achar que a criança é pequena e só vai para a escola para brincar e ser cuidada. Não estão entendendo que a criança na Educação Infantil, necessita de orientação para as tarefas; verificar se o material que ela necessita está adequado e outros momentos importantes para o bom desenvolvimento.

Percebo que as crianças já sentem se a família incentiva ou não, se valoriza ou não a educação formal nesse período.

Dessa forma, gostaria de poder conversar mais com os pais e levá-los a compreensão que o sucesso ou fracasso escolar do seu filho, está diretamente ligado a valorização da educação formal, que os pais passam para os filhos através do apoio e muitas vezes pelas cobranças também e isso é fundamental para que seu filho também valorize e se esforce.

Penso em realizar um Projeto trabalhando o tema família no espaço escolar, pois por trabalhar em uma escola onde percebemos que os pais não estão se envolvendo de forma significativa no desenvolvimento escolar dos filhos, fazem-se necessárias estratégias que motivem e estimulem os pais e responsáveis a conscientizar que o apoio

deles é relevante para o processo de ensino - aprendizagem e que a instituição escolar não pode sozinha de forma alguma, absorver toda essa responsabilidade.

A família tem um papel muito importante na relação família - escola, pois quando o aluno sente o apoio familiar de forma construtiva, e não apenas por meio da cobrança, ela se fortalece e seu desempenho é muito mais significativo.

Na escola observamos alunos que não tem esse apoio, são mais indisciplinados, pois é um meio de chamar atenção e mostrar que ele quer ser ajudado, amado e deseja que alguém (seus responsáveis) lhe dê o devido valor, apoio e a atenção merecida e necessária para o crescimento saudável no processo educativo.

Desse modo se conseguimos conscientizar seus respectivos familiares e/ou responsáveis com o objetivo de motivar e estimular a participação, proporcionando uma conexão entre família e escola, promovendo o diálogo e estimulando os pais ou responsáveis a acompanhar os filhos, envolvendo nas suas necessidades educacionais, com certeza, escola – alunos – pais-comunidade e sociedade serão beneficiados.

O direito à educação é atualmente reconhecido como um dos direitos fundamentais à vida do homem, sendo defendida nas legislações e um elemento inerente na concretização da cidadania e nas superações das desigualdades e da exclusão social.

Em nosso país, infelizmente, ainda está longe de dizer que é um direito estendido a todos, pois o que vemos é ainda muitas pessoas fora desta realidade. E partindo dessa reflexão, notamos que devido à falta da educação formal para todos, muitos pais também não valorizam a mesma e deixam de participar de forma efetiva da vida escolar de seus filhos.

Ainda temos o fato de que hoje os tempos mudaram, a sociedade mudou, as pessoas acompanharam as mudanças. Hoje as mulheres são chefes de família, pais muitas vezes não compartilham com a criação e educação dos filhos e ouvimos não raramente o desabafo de pais e mães que assumem sozinhos o sustento e a educação dos filhos e dizem não ter tempo para participar de forma significativa na vida escolar de seus filhos, permitindo que a escola e a mídia eduquem seus filhos, e mantenha mais diálogos com seus filhos do que eles próprios.

Percebo que elaborar Projetos, que possam intervir de modo significativo, de forma estreitar a relação dos familiares e a instituição escolar, utilizando estratégias que tragam a família para dentro da escola, é essencial para a aprendizagem de nossos alunos desde a educação infantil.

É papel da escola, propiciar momentos que levem os alunos e familiares a sentirem atraídos para dentro do ambiente escolar, e a escola, assim como tem o papel de ministrar a educação formal, poderá servir de elo na aproximação da família, hoje separada por diversos fatores e transformações em nosso modelo familiar.

É urgente a necessidade dessa união para podermos ajudar e intervir no crescimento e desenvolvimento no processo favorável de nossas crianças e adolescentes.

Então para que a escola tenha o apoio da família, tornam-se necessários projetos que venha a somar e construir um espaço, onde todos se ajudem e tenham como objetivo principal a educação integral e que venha a atuar de forma a fortalecer nossos alunos e formar verdadeiros cidadãos, cientes de suas responsabilidades e de seu papel na sociedade, para que, com esse exemplo possa em um futuro próximo serem também pais comprometidos e participativos na educação de seus filhos.

4ª PARTE: REFERÊNCIAS

REFERÊNCIAS

AULETE, Caldas. **Minidicionário contemporâneo da Língua Portuguesa de acordo com a nova ortografia** – 2ª edição – 2ª impressão Editora do Brasil, 2009.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação**. São Paulo: Brasiliense 2007, Coleção Primeiros Passos, 49º reimp. Da 1ª ed. de 1981.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: introdução aos parâmetros curriculares nacionais** / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1997. 126p.

COSTA, Rogener Almeida Santos. **Subjetividade, Sujeito e Sucesso Escolar em uma Perspectiva Sócio-Histórica**. Revista tessitura - <http://www.docentesfsd.com.br> – ISSN: 2177-0441 – Número 3 – Julho / 2011

DALBERIO, Maria Célia Borges. **Neoliberalismo, políticas Educacionais e a gestão democrática na escola pública de qualidade**. São Paulo, Paulus, 2009.

DEMO, Pedro. **O desafio de educar pela pesquisa na educação básica**. In: Educar pela pesquisa. 2.ed. Campinas: Autores Associados, 1997.

FERREIRA, A. B. H. Aurélio século XXI: Dicionário da Língua Portuguesa. 3. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

GALIANI, Claudemir & MACHADO, Maria Cristina Gomes. **Dewey e a função social da escola** - IX Congresso Nacional de Educação – Educere III Encontro Sul Brasileiro de Psicopedagogia 26 a 29 de outubro de 2009 – PUCPR

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GODOY, Arilda Schmidt. **Introdução À Pesquisa Qualitativa E Suas Possibilidades** - Rae • v. 35 • n. 2 • Mar./Abr. 1995

Interação escola-família: subsídios para práticas escolares / organizado por Jane Margareth Castro e Marilza Regattieri. – Brasília: UNESCO, MEC, 2009. 104 p. ISBN: 978-85-7652-111-2

LAHIRE, Bernard. **Sucesso escolar nos meios populares: as razões do improvável**. Tradução de Ramon Américo Vasques e Sônia Goldfeder. São Paulo: Ática, 2004. 367p. 68

LUCK. Heloísa, **A evolução da gestão educacional a partir de mudança paradigmática**. Publicado na revista Gestão em Rede, no. 03, nov., 1997, p. 13-18

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Filosofia da Educação**. São Paulo: Cortez, 1990 - Coleção Magistério - 2º Grau, Série Formação do Professor.

POLONIA, Ana da Costa e DESSEN, Maria Auxiliadora. **Psicologia Escolar e Educacional**, 2005 Volume 9 Número 2 303-312

RAMOS. Zaíra Leite. **Conhecimentos Pedagógicos** – 5ª ed. Brasília: Vestcon, 2013.

SOUSA, Ana Paula de; JOSÉ FILHO, Mário. **A importância da parceria entre família e escola no desenvolvimento educacional**. Revista Iberoamericana de Educación n. 44/47, p. 1-8, 10. Jan.2008

VALERIEN, Jean. **Gestão da escola fundamental: subsídios para análise e sugestões de aperfeiçoamento**. 2 ed. São Paulo: Cortez; Brasília: Unesco - Mec, 1993.

WITTKE, Cleide Inês. BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **O professor pesquisador: introdução à pesquisa qualitativa**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 (Estratégias de ensino, 8). RBLA, Belo Horizonte, v. 10, n. 3, p. 807-814, 2010.

5ª PARTE: APÊNDICES

APÊNDICE (A)

QUESTIONÁRIO PARA O (A) SERVIDOR (A)

A importância da participação da família na gestão educacional em uma escola de Águas Lindas de Goiás. É possível essa participação?

1 – Dados relativos à pesquisa

1.1 – Como o senhor (a) percebe a participação da família no contexto educacional?

1.2 – Na escola em que você trabalha, a família é convidada a participar das reuniões? Se sim, quais são essas reuniões?

1.3 - Em sua percepção, o que desmotiva a presença da família na escola?

2 – Dados sócio demográficos

2.1 - Idade: _____

2.2 - Sexo () Feminino
() Masculino

2.3 - Estado civil:

- () Casado
- () Solteiro
- () Divorciado
- () Viúvo
- () Outros

2.4 - Nível Socioeconômico

- () Classe desfavorecida
- () Classe média baixa
- () Classe média
- () Classe média alta
- () Classe Alta

2.5-Renda familiar:

- () De R\$ 678,00 até R\$ 1.090,00
- () De R\$ 1.091,00 até R\$ 1.635,00
- () De R\$ 1.636,00 até R\$ 2.725,00
- () De R\$ 2.726,00 até R\$ 5.450,00
- () De R\$ 5.451,00 até R\$ 10.900,00
- () Acima de R\$ 10.901,00
- () Acima de R\$ 20.001,00

2.6 - Escolaridade ;() Nível Médio completo

() Nível Superior cursando em _____

() Nível Superior concluído em _____

() pós-graduação cursando em _____

() pós-graduação concluído em _____

Outras observações:

Agradeço a colaboração pelo tempo e presteza em responder esse questionário!

APÊNDICE (B)

QUESTIONÁRIO PARA O (A) SECRETÁRIO (A)

A importância da participação da família na gestão educacional em uma escola de Águas Lindas de Goiás. É possível essa participação?

1 – Dados relativos à pesquisa

1.1 Como o senhor (a) percebe a participação da família no contexto educacional?

1.2 – Na escola em que você trabalha, a família é convidada a participar das reuniões? Se sim, quais são essas reuniões?

1.3 Em sua percepção, o que desmotiva a presença da família na escola?

2 – Dados sócio demográficos

2.1 - Idade: _____

2.2 - Sexo () Feminino
() Masculino

2.3 - Estado civil:

- () Casado
- () Solteiro
- () Divorciado
- () Viúvo
- () Outros

2.4 - Nível Socioeconômico

- () Classe desfavorecida
- () Classe média baixa
- () Classe média
- () Classe média alta
- () Classe Alta

2.5-Renda familiar:

- () De R\$ 678,00 até R\$ 1.090,00
- () De R\$ 1.091,00 até R\$ 1.635,00
- () De R\$ 1.636,00 até R\$ 2.725,00
- () De R\$ 2.726,00 até R\$ 5.450,00
- () De R\$ 5.451,00 até R\$ 10.900,00
- () Acima de R\$ 10.901,00
- () Acima de R\$ 20.001,00

2.6 - Escolaridade () Nível Médio completo

() Nível Superior cursando em _____

() Nível Superior concluído em _____

() pós-graduação cursando em _____

() pós-graduação concluído em _____

Outras observações:

Agradeço a colaboração pelo tempo e presteza em responder esse questionário!

APÊNDICE (C)

QUESTIONÁRIO PARA O (A) MONITOR (A)

A importância da participação da família na gestão educacional em uma escola de Águas Lindas de Goiás. É possível essa participação?

1. Dados relativos à pesquisa

1.1– Como o senhor (a) percebe a participação da família no contexto educacional?

1.2 – Na escola em que você trabalha, a família é convidada a participar das reuniões? Se sim, quais são essas reuniões?

1.3 - Em sua percepção, o que desmotiva a presença da família na escola?

2 – Dados sócio demográficos

2.1 - Idade: _____

2.2 - Sexo () Feminino
() Masculino

2.3 - Estado civil:

- () Casado
- () Solteiro
- () Divorciado
- () Viúvo
- () Outros

2.4 - Nível Socioeconômico

- () Classe desfavorecida
- () Classe média baixa
- () Classe média
- () Classe média alta
- () Classe Alta

2.5-Renda familiar:

- () De R\$ 678,00 até R\$ 1.090,00
- () De R\$ 1.091,00 até R\$ 1.635,00
- () De R\$ 1.636,00 até R\$ 2.725,00
- () De R\$ 2.726,00 até R\$ 5.450,00
- () De R\$ 5.451,00 até R\$ 10.900,00
- () Acima de R\$ 10.901,00
- () Acima de R\$ 20.001,00

- 2.6 - Escolaridade: () Nível Médio completo _____
- () Nível Superior cursando em _____
- () Nível Superior concluído em _____
- () pós-graduação cursando em _____
- () pós-graduação concluído em _____

Outras observações:

Agradeço a colaboração pelo tempo e presteza em responder esse questionário!

APÊNDICE (D)

QUESTIONÁRIO PARA O (A) PROFESSOR (A)

A importância da participação da família na gestão educacional em uma escola de Águas Lindas de Goiás. É possível essa participação?

1 – Dados relativos à pesquisa

1.1 – Como o senhor (a) percebe a participação da família no contexto educacional?

1.2 – Na escola em que você trabalha, a família é convidada a participar das reuniões? Se sim, quais são essas reuniões?

1.3- Em sua percepção, o que desmotiva a presença da família na escola?

2 – Dados sócio demográficos

2.1 - Idade: _____

2.2 - Sexo () Feminino
() Masculino

2.3 - Estado civil:

- () Casado
- () Solteiro
- () Divorciado
- () Viúvo
- () Outros

2.4 - Nível Socioeconômico

- () Classe desfavorecida
- () Classe média baixa
- () Classe média
- () Classe média alta
- () Classe Alta

2.5-Renda familiar:

- () De R\$ 678,00 até R\$ 1.090,00
- () De R\$ 1.091,00 até R\$ 1.635,00
- () De R\$ 1.636,00 até R\$ 2.725,00
- () De R\$ 2.726,00 até R\$ 5.450,00
- () De R\$ 5.451,00 até R\$ 10.900,00
- () Acima de R\$ 10.901,00
- () Acima de R\$ 20.001,00

2.6 - Escolaridade () Nível Médio completo

() Nível Superior cursando em _____

() Nível Superior concluído em _____

() Pós-graduação cursando em _____

() Pós-graduação concluído em _____

Outras observações:

Agradeço a colaboração pelo tempo e presteza em responder esse questionário!

APÊNDICE (E)

QUESTIONÁRIO PARA O (A) COORDENADOR (A)

A importância da participação da família na gestão educacional em uma escola de Águas Lindas de Goiás. É possível essa participação?

1 – Dados relativos à pesquisa

1.1 – Como o senhor (a) percebe a participação da família no contexto educacional?

1.2 – Na escola em que você trabalha, a família é convidada a participar das reuniões? Se sim, quais são essas reuniões?

1.3 - Em sua percepção, o que desmotiva a presença da família na escola?

2 – Dados sócio demográficos

2.1 - Idade: _____

2.2 - Sexo () Feminino
() Masculino

2.3 - Estado civil:

- () Casado
- () Solteiro
- () Divorciado
- () Viúvo
- () Outros

2.4 - Nível Socioeconômico

- () Classe desfavorecida
- () Classe média baixa
- () Classe média
- () Classe média alta
- () Classe Alta

2.5-Renda familiar:

- () De R\$ 678,00 até R\$ 1.090,00
- () De R\$ 1.091,00 até R\$ 1.635,00
- () De R\$ 1.636,00 até R\$ 2.725,00
- () De R\$ 2.726,00 até R\$ 5.450,00
- () De R\$ 5.451,00 até R\$ 10.900,00
- () Acima de R\$ 10.901,00
- () Acima de R\$ 20.001,00

2.6 - Escolaridade () Nível Médio completo

() Nível Superior cursando em _____

() Nível Superior concluído em _____

() Pós-graduação cursando em _____

() Pós-graduação concluído em _____

Outras observações:

Agradeço a colaboração pelo tempo e presteza em responder esse questionário!

APÊNDICE (F)

QUESTIONÁRIO PARA O (A) DIRETOR (A)

A importância da participação da família na gestão educacional em uma escola de Águas Lindas de Goiás. É possível essa participação?

1 – Dados relativos à pesquisa

1.1 - O que o senhor (a) compreende por gestão educacional?

1.2 – O senhor (a) percebe a participação da família no contexto educacional como positiva? Em que sentido?

1.3 - O senhor (a) considera que a escola na qual trabalha possui estratégias para aproximar família e escola? Se sim, quais? Se não, justifique?

2 – Dados sócio demográficos

2.1 - Idade: _____

2.2 - Sexo () Feminino
() Masculino

2.3 - Estado civil:

- () Casado
- () Solteiro
- () Divorciado
- () Viúvo
- () Outros

2.4 - Nível Socioeconômico

- () Classe desfavorecida
- () Classe média baixa
- () Classe média
- () Classe média alta
- () Classe Alta

2.5-Renda familiar:

- () De R\$ 678,00 até R\$ 1.090,00
- () De R\$ 1.091,00 até R\$ 1.635,00
- () De R\$ 1.636,00 até R\$ 2.725,00
- () De R\$ 2.726,00 até R\$ 5.450,00
- () De R\$ 5.451,00 até R\$ 10.900,00
- () Acima de R\$ 10.901,00
- () Acima de R\$ 20.001,00

2.6 - Escolaridade () Nível Médio completo

() Nível Superior cursando em _____

() Nível Superior concluído em _____

() Pós-graduação cursando em _____

() Pós-graduação concluído em _____

Outras observações:

Agradeço a colaboração pelo tempo e presteza em responder esse questionário!